



CENTRO ESPÍRITA ANTÔNIO DE AQUINO - RIO DAS OSTRAS

42º ENCONTRO ESPÍRITA SOBRE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

VIDA QUE SEGUE!

Tema Central: Vida Espírita

Imagem gerada por Inteligência Artificial - CEAA-RO

15, 16 e 17 de Fevereiro de 2026
09:00 às 13:00

www.ceaa-ro.org.br



Patrono: Allan Kardec

VIDA QUE SEGUE!

42º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos*

Tema central:
Vida Espírita

Segunda parte - Capítulo VI: Vida Espírita - Questões 223 a 256
15, 16 e 17 de Fevereiro de 2026

CELD RJ:

Coordenação Geral:

Deuza Maria Nogueira

Organização e Diagramação do conteúdo:

Equipe de Estudo do Encontro

Finalização do conteúdo:

Setor Editorial do CELD

CEAA RO:

Coordenação Geral dos Encontros::

Alba Terra, Eduardo Terra, Ericka Koebecke e Teresa Souza

Coordenação do Encontro:

Alba Terra, Ericka Koebecke e Teresa Souza

Capa da Apostila:

Setor de Multimídia do CEAA-RO

*Material elaborado e cedido pelo Centro Espírita Léon Denis do Rio de Janeiro/RJ
e adaptado pelo Centro Espírita Antônio de Aquino de Rio das Ostras/RJ.*



*Allan Kardec
Patrono Espiritual do Encontro*

SUMÁRIO

<i>Programação</i>	<i>4</i>
<i>Objetivos do 42° EELE</i>	<i>5</i>
<i>Introdução</i>	<i>6</i>
<i>Bloco de Estudos 1</i>	<i>7</i>
<i>Bloco de Estudos 2</i>	<i>26</i>
<i>Bloco de Estudos 3</i>	<i>36</i>
<i>Conclusão</i>	<i>60</i>
<i>Anexo 1</i>	<i>61</i>
<i>Anexo 2</i>	<i>63</i>
<i>Anexo 3</i>	<i>65</i>
<i>Anexo 4</i>	<i>67</i>
<i>Referências</i>	<i>76</i>
<i>Mensagem do Plano Espiritual</i>	<i>77</i>

PROGRAMAÇÃO



15 | 16 | 17
FEV
2026



09h00
13h00



Inscrição

Local: Site ou Secretaria

Horário / Dia	15 FEV 2026	16 FEV 2026	17 FEV 2026
09h00 09h20	Prece de abertura e considerações iniciais		
09h00 12h40	Estudo <i>Observação: O intervalo acontecerá de 11:20 às 11:50.</i>		
12h40 13h00	Encerramento		

OBJETIVOS DO 42° EELE



GERAL:

CONHECER COMO O ESPÍRITO ERRANTE VIVE NO MUNDO ESPIRITUAL.

Bloco de Estudos 1:

1. Conceituar os termos: “Espíritos Errantes” e “Erraticidade”;
2. Destacar as condições morais, emocionais e suas repercussões nos Espíritos errante;
3. Apresentar algumas das variações de ocupações e situações dos Espíritos errantes;
4. Citar alguns padrões espirituais da erraticidade no planeta Terra;
5. Identificar as possibilidades de transmigração dos Espíritos errantes entre os mundos.

Bloco de Estudos 2:

1. Conceituar o que são Mundos Transitórios;
2. Apresentar as finalidades dos Mundos Transitórios.

Bloco de Estudos 3:

1. Demonstrar que no Mundo Espiritual as percepções do Espírito continuam e podem ser ampliadas;
2. Identificar que quanto maior a evolução do Espírito, maior o seu conhecimento;
3. Mostrar como os Espíritos compreendem o tempo;
4. Mostrar as diferentes relações dos Espíritos com Deus;
5. Demonstrar como os Espíritos enxergam, ouvem e sentem no Mundo Espiritual.

INTRODUÇÃO

Irmãos:

A segunda parte de *O Livro dos Espíritos* é apaixonante!

Com ela, aprendemos didática e amorosamente acerca da nossa vida:

No Capítulo I, investigamos nossa origem e natureza, entendemos o corpo perispiritual, nossas características e estados evolutivos.

No Capítulo II, analisamos a necessidade de encarnarmos, isto é, utilizarmos temporariamente um corpo material e as consequências do Materialismo em nossas vidas.

Já no Capítulo III, vimos nossa realidade após a morte do corpo físico.

No Capítulo IV, mergulhamos nos diversos aspectos da Reencarnação: justiça, encarnação em diferentes mundos, sorte das crianças após a morte, sexos, relações de parentesco, semelhanças físicas e morais e ideias inatas.

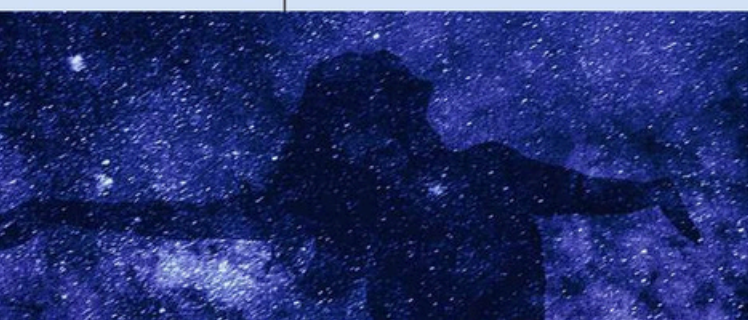
Como a Reencarnação é um longo tema em nossas vidas, estudamos, em 2024, as considerações de Kardec acerca da Pluralidade das Existências.

Neste ano, começaremos a estudar o Capítulo VI, que trata da Vida Espírita.

Por ser um capítulo extenso, profundo e abordar utilíssimos assuntos para nosso posicionamento na nossa Reencarnação, estudaremos os três primeiros itens:

- Espíritos Errantes;
- Mundos Transitórios; e
- Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos.

Esperamos que os irmãos tenham belas descobertas para um excelente aproveitamento da trajetória evolutiva de todos nós.



Vida que segue com Jesus



Espíritos Errantes

OBJETIVOS DO BLOCO DE ESTUDO 1:

- Conceituar os termos: “Espíritos Errantes” e “Erraticidade”;
- Destacar as condições morais, emocionais e suas repercussões nos Espíritos errantes;
- Apresentar algumas das variações de ocupações e situações dos Espíritos errantes;
- Citar alguns padrões espirituais da erraticidade no planeta Terra;
- Identificar as possibilidades de transmigração dos Espíritos errantes entre os mundos.

Quando o Espírito deixa o corpo físico, pela morte, ele retorna ao Mundo Espiritual. Esse estado intermediário, vivido entre uma encarnação e outra, é chamado de erraticidade.

Longe de ser apenas uma espera, esse período revela-se como momento essencial da vida do Espírito: é quando ele reflete sobre suas experiências passadas, reconhece os avanços conquistados, percebe os equívocos cometidos e, muitas vezes, prepara-se para um novo retorno à vida corporal.

A espiritualidade superior nos ensina que existem Espíritos errantes em todos os níveis de evolução, com exceção dos Espíritos puros, que já alcançaram a perfeição e não necessitam mais reencarnar.

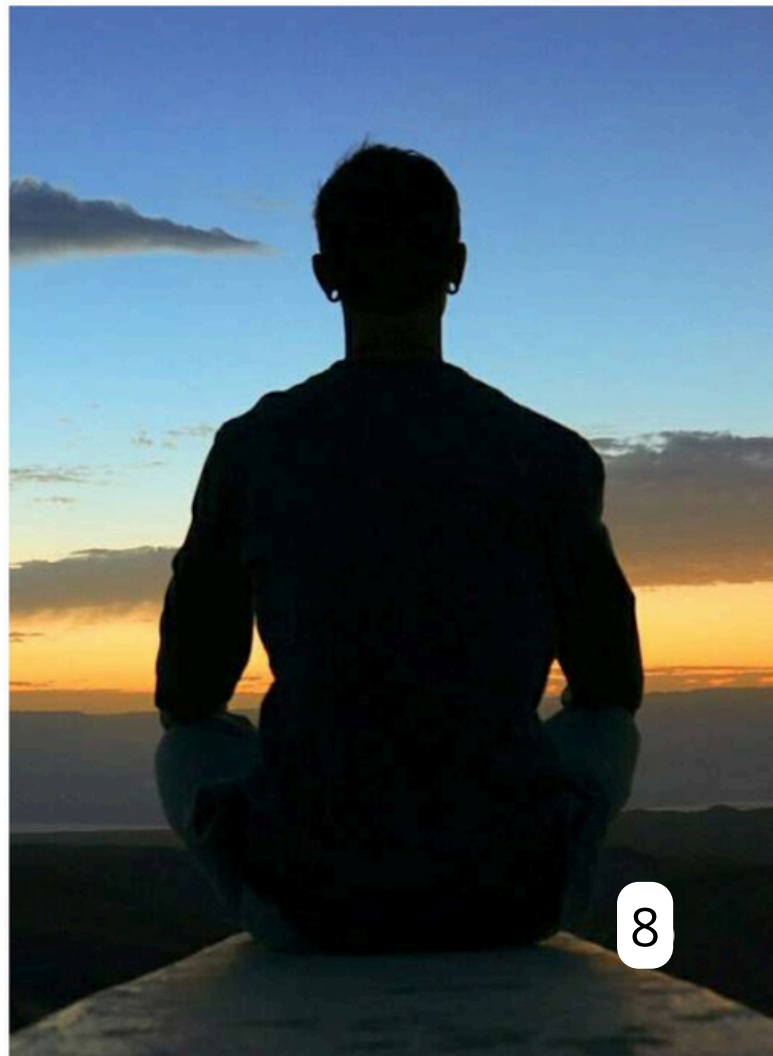
Entender o que é ser um Espírito errante nos traz uma visão fascinante da vida espiritual e das fases que as almas atravessam em sua jornada infinita.

Allan Kardec, na sequência de perguntas estudadas em *O Livro dos Espíritos*, de maneira didática, repete perguntas feitas anteriormente.

Essa forma de apresentar ideias, nos auxilia a fixar os conceitos trazidos pela revelação dos Espíritos.

Siga-nos nesta exploração dos mistérios do além e da condição dos Espíritos entre suas vidas terrestres, pois que entender esse estágio natural do processo evolutivo é lançar luz sobre nossa própria caminhada, já que todos nós, inevitavelmente, passaremos por essa condição.

Iniciemos, então, o estudo, definindo:
O QUE É ERRATICIDADE?



Segundo o Dicionário de Filosofia Espírita - Erraticidade:

(do francês *erraticité*). Estado dos Espíritos errantes ou erráticos, isto é, não encarnados, que vivem durante o intervalo de suas existências corpóreas. Kardec escreveu o seguinte sobre erraticidade: “Estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas diversas existências corporais. A erraticidade não é um sinal absoluto de inferioridade para os Espíritos. Há Espíritos errantes de todas as classes, salvo os da primeira Ordem ou puros Espíritos, que não tendo mais que reencarnar para aprimorar-se, não podem ser considerados errantes.

Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes segundo o grau de sua purificação. É nesse estado que o Espírito, sem o véu material do corpo que o vestia, percebe suas existências anteriores e os erros que o afastam da perfeição e da felicidade infinita. É, então, que escolhe novas provas, a fim de progredir mais rápido (*O Livro dos Espíritos*, nº 223 e seguintes)”. Na situação errante, como na corpórea, os Espíritos tendem a formar núcleos coletivos onde interagem e acabam por formar seus próprios ambientes. A lei de afinidade é que rege essa questão, visto que os Espíritos afins se buscam.



223. A alma reencarna, imediatamente, após sua separação do corpo?

“Algumas vezes, imediatamente, porém, geralmente, só após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a Reencarnação é quase sempre imediata; sendo menos grosseira a matéria corporal, o espírito encarnado, aí, goza de quase todas as suas faculdades de Espírito; seu estado normal é o de vossos sonâmbulos lúcidos.”

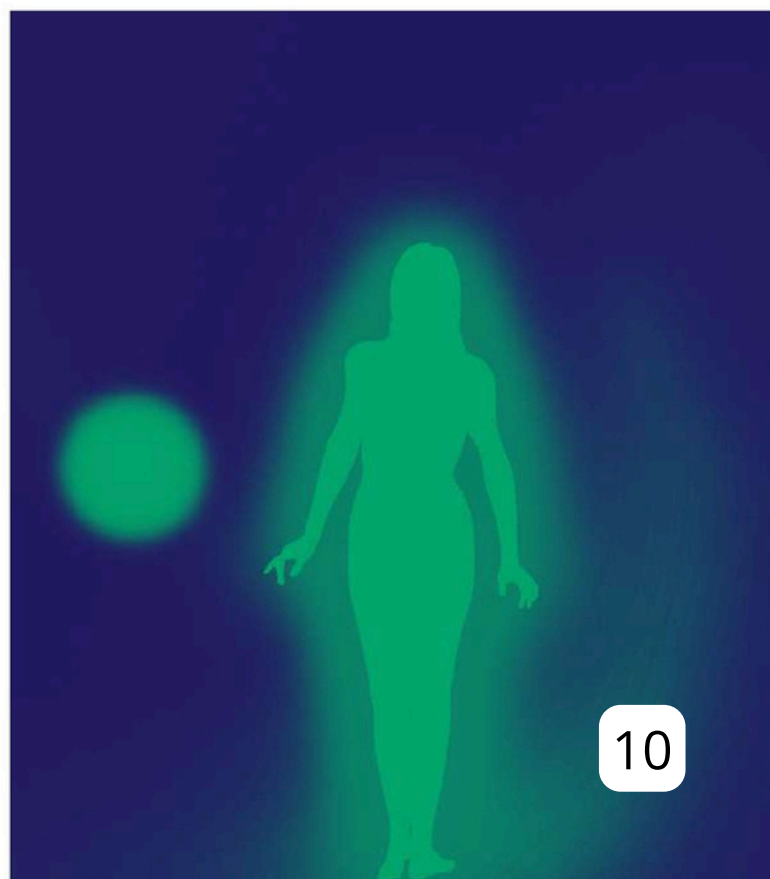
Buscando entender a dinâmica que envolve o Espírito, que retorna ao Plano Espiritual pelo portal da morte física, Kardec indaga sobre o seu tempo de permanência na Espiritualidade. E observamos na resposta dada, que é possível sim o retorno à Vida Corpórea mais imediato, porém, a maioria permanece no Mundo Espiritual por um período mais ou menos longo, conforme sua realidade e condição evolutiva.

E é nesta última ideia que está focado o tema do nosso estudo este ano, que é também o tema da nossa vida de Espíritos Imortais.

Portanto, a duração da permanência do Espírito na Erraticidade é variável; Este período pode ser muito curto ou se estender por milhares de anos, dependendo do nível de evolução do Espírito e de suas necessidades de aprendizado. Durante essa fase, os Espíritos podem refletir sobre suas vidas passadas e se preparar para futuras encarnações.

Ver também:

Definições Espíritas. Allan Kardec. Lachâtre.



Mas o que facilita e o que dificulta a Reencarnação?

Em mundos mais adiantados, a Reencarnação quase sempre é imediata por condição do Espírito reencarnante e por condição de mais sutileza do corpo material, permitindo uma harmonia de relação com o mundo espiritual. Além disso, o amor existente entre as criaturas é um agente facilitador dessa relação; boas relações fazem com que a ideia de reencarnar seja mais bem aceita. Em contrapartida, o Espírito mais elevado conhece o objetivo pelo qual está reencarnando e sabe que precisa resolver questões relacionadas aos seus projetos reencarnatórios.

“... o Espírito Encarnado, aí, goza de quase todas as suas faculdades de Espírito; seu estado normal é o de vossos sonâmbulos lúcidos.” – a condição de sonambulismo lúcido tem a ver, na verdade, com a condição evolutiva do Espírito, que, mesmo encarnado, pode ter suas faculdades (visão, audição, percepção, locomoção) mais ampliadas.

Já nos Mundos mais materializados, podem existir questões eletivas que dificultam as relações, inclusive a própria Reencarnação. E isto pode até ser motivo de desistência do Espírito para retornar ao Mundo Corpóreo.





224. O que se torna a alma no intervalo das encarnações?

“Espírito errante que aspira a seu novo destino; ele aguarda.”

a) Qual pode ser a duração desses intervalos?

“De algumas horas a alguns milhares de séculos. Aliás, não existe, propriamente falando, limite extremo determinado para o estado errante, que pode prolongar-se por muito tempo, mas que nunca é perpétuo; o espírito encontra sempre, cedo ou tarde, um meio de recomeçar uma existência que serve para a purificação de suas existências precedentes.”

b) Essa duração está subordinada à vontade do Espírito, ou pode ser imposta como expiação?

“É uma consequência do livre-arbítrio; os espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas há também aqueles para quem é uma punição infligida por Deus; outros pedem que ela seja prolongada, para continuar estudos que só podem ser feitos, com proveito, no estado de Espírito.”

Vejamos como a palavra “errante” é definida no dicionário comum: “que anda sem destino; característica do que ou de quem vive a vaguar; que não possui uma residência fixa (DICIO, Dicionário On-line de Português).

Espírito Errante. Espírito que se encontra na Erraticidade, desencarnado, à espera de uma oportunidade para reencarnar.

(Dicionário de Filosofia Espírita;
L. Palhano Jr.)



Temos na literatura espírita vários exemplos de longa permanência na Erraticidade, alguns por questões de sofrimento, ligadas à inferioridade do Espírito; outros por motivos de maior evolução espiritual, na condição de manter estudos e trabalhos no Plano Espiritual.

Espírito Errante deve reencarnar, ou porque pode ou porque precisa.

Ver também:

O Céu e o Inferno; Allan Kardec: O Espírito de Castelnauary.

Obreiros da Vida Eterna; André Luiz: capítulo 3, O sublime visitante - sobre a condição de Asclépios.

Nosso Lar; André Luiz, cap. 32 – Notícias de Veneranda.

Instruções dos Espíritos, vol. 1, pg. 245 - sobre a volta de Hahnemann.

Importante lembrar que a Lei Divina dispõe de vários mecanismos para que nós reencarnemos e cumpramos o que nos cabe realizar. O tempo de permanência na Erraticidade tem um caráter relativo.

Ver também:

A Gênese; Allan Kardec cap. VI; O espaço e o tempo.

A Lei de Deus também nos permite escolher ficar na Erraticidade até que entendamos a necessidade e aceitemos o momento de voltar à experiência no corpo físico.

As diferentes categorias de Espíritos Errantes



225. A erraticidade é, por si mesma, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

“Não, pois há espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, nós o dissemos: no seu estado normal, o espírito está desligado da matéria.



Como já foi visto acima, a Erraticidade é o estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, que permanecem no Mundo Espiritual durante os intervalos de suas diversas existências corporais, o que não significa ser um sinal de inferioridade desses Espíritos; com a exceção dos Espíritos Puros, que não necessitam mais reencarnar, há Espíritos Errantes de todas as classes. Portanto, os Espíritos puros não são mais Espíritos Errantes (vide a seguir a questão 226).

Dentre as diferentes categorias de errantes, podemos resumir:

Espíritos superiores:

Desapegados das influências materiais.

Espíritos em progresso:

Em fase de aprendizado ativo.

Espíritos inferiores:

Ainda apegados às paixões terrestres.

A hierarquia dos Espíritos errantes reflete seu nível de evolução moral e intelectual. Os Espíritos Superiores, tendo atingido um alto grau de purificação, vivem esse período com serenidade e sabedoria. Os Espíritos em progresso usam esse tempo para aprender e evoluir, enquanto os Espíritos Inferiores muitas vezes permanecem confusos e apegados às preocupações materiais que conheceram durante sua vida terrena.

“... no seu estado normal, o Espírito está desligado da matéria.” Lembrar que a nossa condição real é estar no Mundo Espiritual. Por isso mesmo quando encarnados, temos possibilidades de desprendimento do corpo físico para vivências no Mundo dos Espíritos.

Ver também:

O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. III item 2.

O Livro dos Espíritos, questões 84 à 87 e questão 149.

Revista Espírita, maio de 1859

– Música de Além Túmulo.

A Gênese, cap. XI item 25.





226. Pode-se dizer que todos os Espíritos que não estão encarnados são errantes?

“Os que devem encarnar, sim; porém, os espíritos puros, que chegaram à perfeição, não são errantes: o estado deles é definitivo.”

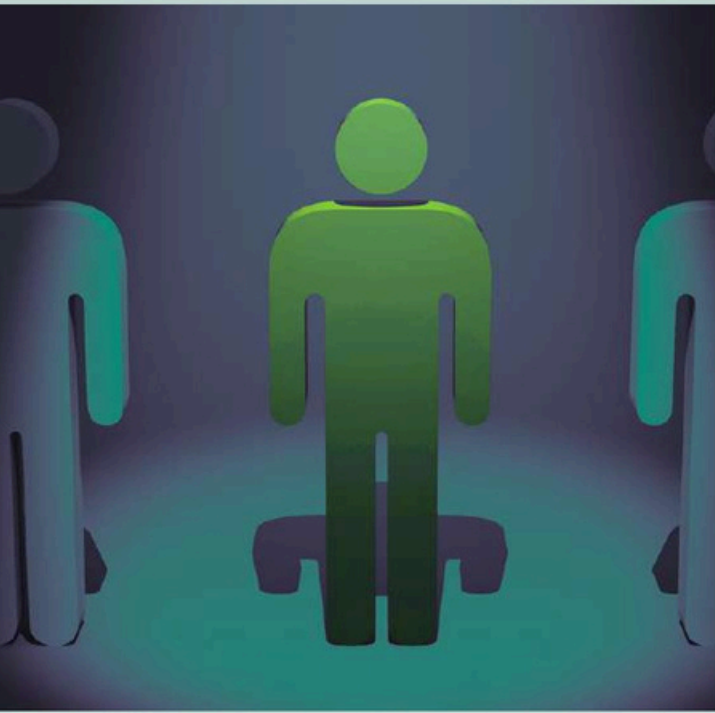
Sob o aspecto das qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens e classes, que eles percorrem sucessivamente, à medida que se depuram. Relativamente ao seu estado, podem ser: encarnados, isto é, unidos a um corpo; errantes, isto é, desligados do corpo material e aguardando uma nova encarnação para se melhorarem; Espíritos puros, isto é, perfeitos, não tendo mais necessidade de encarnar.

Importante lembrar que, embora a condição do Espírito Puro, que não precisa mais encarnar, não quer dizer que não possa fazê-lo. Jesus esteve entre nós. Vemos, no estudo da questão 625, os Espíritos sinalizarem à Kardec que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus ofereceu aos habitantes da Terra. E Kardec complementa em sua nota: “Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque Ele era animado pelo Espírito Divino e o ser mais puro de todos os que apareceram na Terra.”

Ver também:

A Caminho da Luz; Emmanuel – cap. I – A Comunidade dos Espíritos Puros.

Percepção e Consciência dos Espíritos Errantes



Consciência de si:

Os Espíritos Errantes mantêm plenamente sua individualidade e a consciência de sua existência. Eles se reconhecem como seres distintos e mantêm sua identidade pessoal. No entanto, essa consciência pode variar de acordo com seu nível de evolução, pois alguns Espíritos têm uma percepção mais clara de sua condição do que outros.

Percepção do mundo:

Eles percebem o mundo material de forma diferente dos encarnados. Não estando mais limitados por um corpo físico, eles podem observar as coisas de uma perspectiva mais ampla e profunda. Sua capacidade de interagir com o mundo físico depende de seu nível de evolução e de sua afinidade com a matéria.



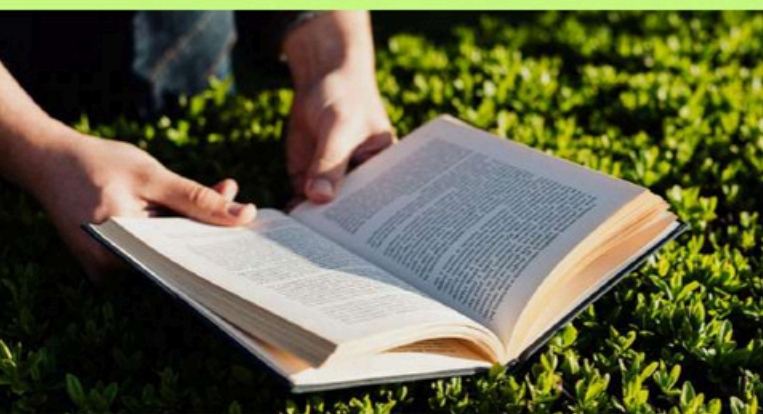


Atividades e ocupações dos Espíritos

Longe de ser um período de inatividade, a Erraticidade é um tempo de intensa atividade espiritual. Os Espíritos mais avançados também podem receber missões especiais para ajudar na evolução coletiva ou guiar outros Espíritos em seu caminho.

Aprendizado:

O Espírito pode seguir estudando as leis universais, adquirindo de novos conhecimentos.



Reflexão:

Ele pode meditar sobre suas experiências passadas e se preparar para as futuras Encarnações.



Assistência:

O Espírito Errante segue ajudando a outros Espíritos, encarnados e desencarnados, que se encontram em dificuldades.



Missões:

Envolve-se na realização de tarefas específicas confiadas por Espíritos Superiores; ou, sendo superior, ele próprio as executa.





227. De que maneira os espíritos errantes se instruem? Eles, certamente, não o fazem da mesma maneira que nós?

“Eles estudam o próprio passado e procuram os meios de se elevar. Veem, observam o que acontece nos locais que percorrem; escutam as palestras dos homens esclarecidos e as opiniões dos Espíritos mais elevados que eles, e isto lhes traz ideias que não possuíam.”

Para o Espírito inteligente, que tem consciência de si mesmo, de suas próprias ações e da repercussão que estas ações provocam no meio em que vive, ele faz seus planos e não permite que o seu progresso ocorra pela força das coisas. Não ter projeto é não acreditar em si mesmo, ou seja, é não acreditar que é capaz



de realizar ações que promovem seu próprio progresso e colaboram para o bem geral.

Mesmo como Espírito encarnado, já podemos fazer alguns projetos ou realinhá-los, conforme a necessidade ou conforme a nossa maturidade assim entenda. Vide questões 919 e 919a, onde Santo Agostinho nos traz seu exemplo de esforço no aperfeiçoamento de si mesmo.

Espíritos em progresso são aqueles que já descobriram os seus verdadeiros interesses.

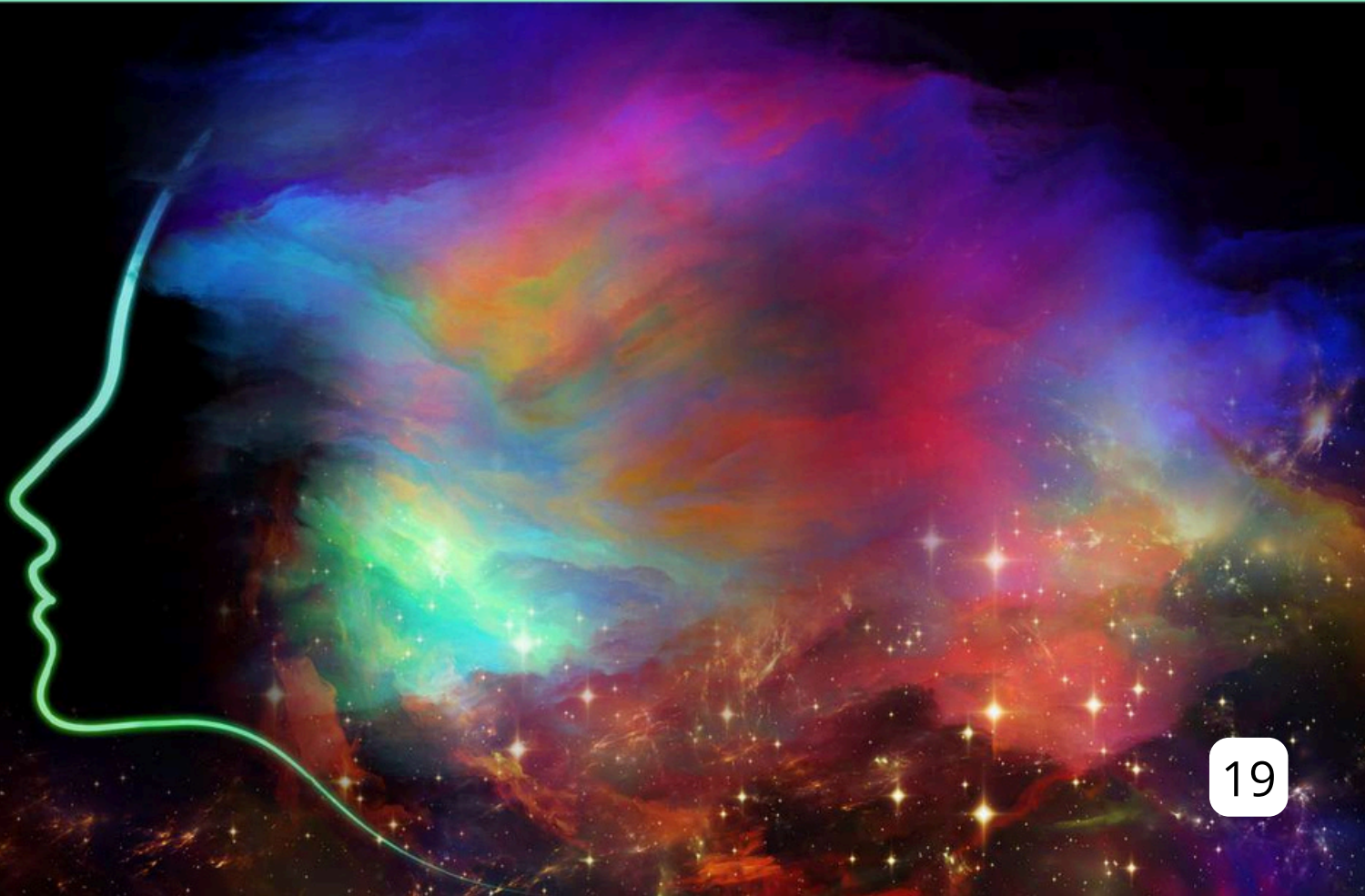
Espíritos Inferiores também progridem, mas suas referências são principalmente as questões materiais.

Sufrimentos e alegrias dos Espíritos Errantes

Apegos terrestres: Alguns Espíritos sofrem por não poderem mais satisfazer suas paixões materiais ou por ver sofrer aqueles que amaram na Terra.

Sufrimentos morais: Os Espíritos podem experimentar remorsos relacionados a suas ações passadas. Esse sofrimento é proporcional à gravidade de suas faltas e ao seu nível de consciência.

Alegrias espirituais: Os Espíritos elevados conhecem alegrias incompreensíveis para os Espíritos encarnados, ou mesmo desencarnados em condição inferior, relacionadas à contemplação das maravilhas da criação e à compreensão das leis divinas.





228. Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?

“Os Espíritos elevados, ao perderem seu envoltório, deixam as más paixões e só guardam a do bem; os Espíritos inferiores, porém, as conservam; do contrário, eles seriam da primeira ordem.”

Mas, o que é mesmo paixão?

Paixão. (Do latim: *passione*).

1 – Sentimento de apego levado a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão. Amor ardente e cego; inclinação afetiva e sensual intensa; afeto dominador e cego; obsessão; vício dominador; desgosto; mágoa; arrependimento; fanatismo; cegueira.

A paixão é uma das imperfeições do Espírito que lhe traz bastante sofrimento, pois que está cego diante da lógica, da razão e longe do verdadeiro amor. Não se deve confundir paixão com amor, pois não são a mesma coisa. A vigilância é fator preponderante, para que o homem possa defender-se de tal sentimento inferior. A paixão nada tem com o instinto como pensam alguns, mas é um quantum de energia viciada da vontade, visto que na paixão, por alguém ou alguma coisa, o indivíduo quer e deseja, de modo ardente e cego. 2 – Entusiasmo muito vivo por alguma coisa. A expressão de sensibilidade ou de entusiasmo do artista que se manifesta numa obra de arte; calor; emoção. 3 – O martírio do Cristo e dos cristãos.

(Dicionário de Filosofia Espírita;
L. Palhano Jr.)

Ver também:

O Livro dos Espíritos, da questão 907 a 912.

ANEXO 1

Vemos no estudo das questões de *O Livro dos Espíritos* que nem sempre as paixões significam algo ruim. Elas podem servir de alavancas para o cumprimento dos desígnios de Deus, se forem bem dirigidas pelo homem. Ela não é um mal, uma vez que se fundamenta nas condições providenciais da nossa existência (vide nota de Kardec à questão 908). Existem inúmeros exemplos de “paixão para o bem”: Jesus, Allan Kardec, Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e tantos outros Espíritos que trabalharam e trabalham pelo bem da humanidade.

Relações entre os Espíritos



229. Por que os espíritos ao deixarem a Terra, não abandonam, nela, todas as suas más paixões, já que veem-lhes os inconvenientes?

“Há, nesse mundo, pessoas que são excessivamente ciumentas; acredita que perdem este defeito, logo ao abandoná-lo? Sobretudo naqueles que tiveram paixões bem marcantes, permanece, após sua partida daqui, uma espécie de atmosfera que os envolve, deixando-lhes todas essas coisas ruins, pois o espírito não está inteiramente desligado da matéria; só por momentos entrevê a verdade, como para lhe mostrar o bom caminho.”

Na Errância, os Espíritos se agrupam naturalmente de acordo com suas afinidades e nível de evolução. Os vínculos formados durante as vidas terrestres podem persistir, mas é principalmente a semelhança de pensamentos e aspirações que determina suas associações. Os Espíritos mais avançados exercem uma influência benéfica sobre aqueles que buscam progredir, criando assim uma cadeia de ajuda mútua e evolução coletiva.

Nem todo mundo que desencarna vê as inconveniências dos fatos. A morte transporta os nossos valores morais, mas não os transformam, se o Espírito não quiser. Um exemplo que podemos citar é o de André Luiz, através de suas obras psicografadas por Chico Xavier; nota-se a evolução crescente desse Espírito nas suas narrativas.

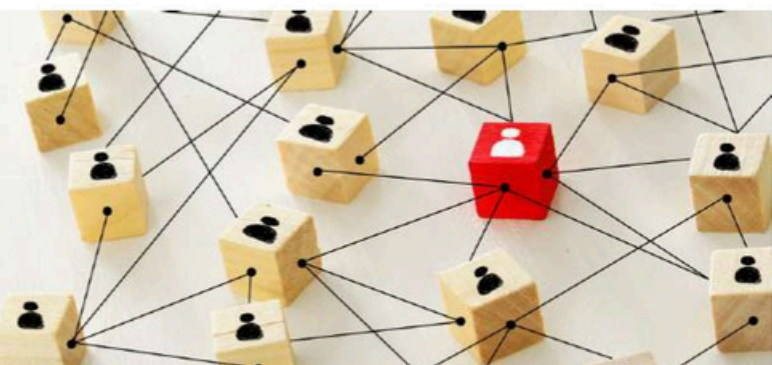
Afinidades:

Atração mútua baseada na semelhança moral.



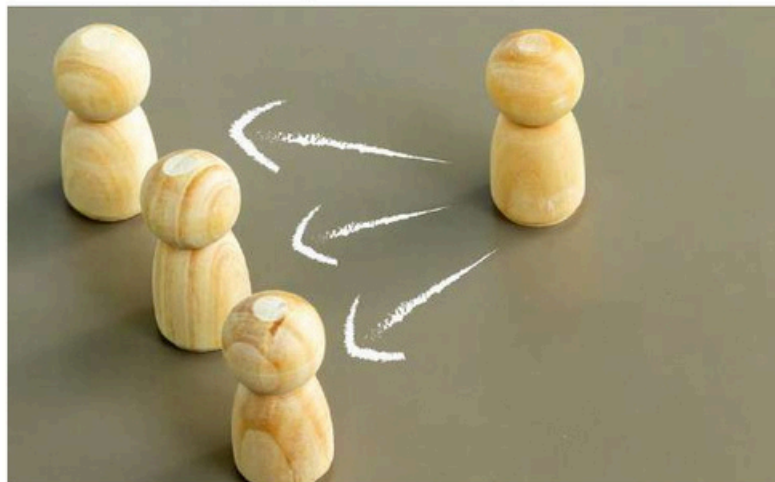
Comunidades:

Formação de grupos que compartilham interesses comuns.



Mentoria:

Orientação dos Espíritos superiores em relação aos menos avançados.



O Livro dos Espíritos:

230. O espírito progride no estado errante?

“Pode melhorar-se muito, sempre conforme sua vontade e seu desejo; porém, é na existência corporal que ele coloca em prática as novas ideias que adquiriu.”

Ver também:

O Livro dos Espíritos, da questão 568.

O Espírito progride sempre, em qualquer condição, desde que deseje fazê-lo. Deus nos oferece as melhores condições de crescimento, através de suas Leis. Cabe a nós aproveitá-las..



231. Os espíritos errantes são felizes ou infelizes?

“Mais ou menos, conforme seu mérito. Sofrem por efeito das paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes, conforme estejam mais ou menos desmaterializados. No estado errante, o espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz; é, então, que procura os meios de alcançá-lo; mas, nem sempre lhe é permitido reencarnar, conforme o seu desejo, sendo-lhe isto uma punição.”

A condição de felicidade ou infelicidade só depende de nós mesmos, de nossas ações e, principalmente, de nossas intenções. Imperfeitos, Deus sempre nos concederá uma nova oportunidade de crescimento; puros Espíritos, nosso trabalho será movimentar ações para o cumprimento de Suas Leis e aprimoramento da Humanidade.

Ver também:

O Céu e o Inferno, primeira parte, cap. VIII: Código penal da vida futura.



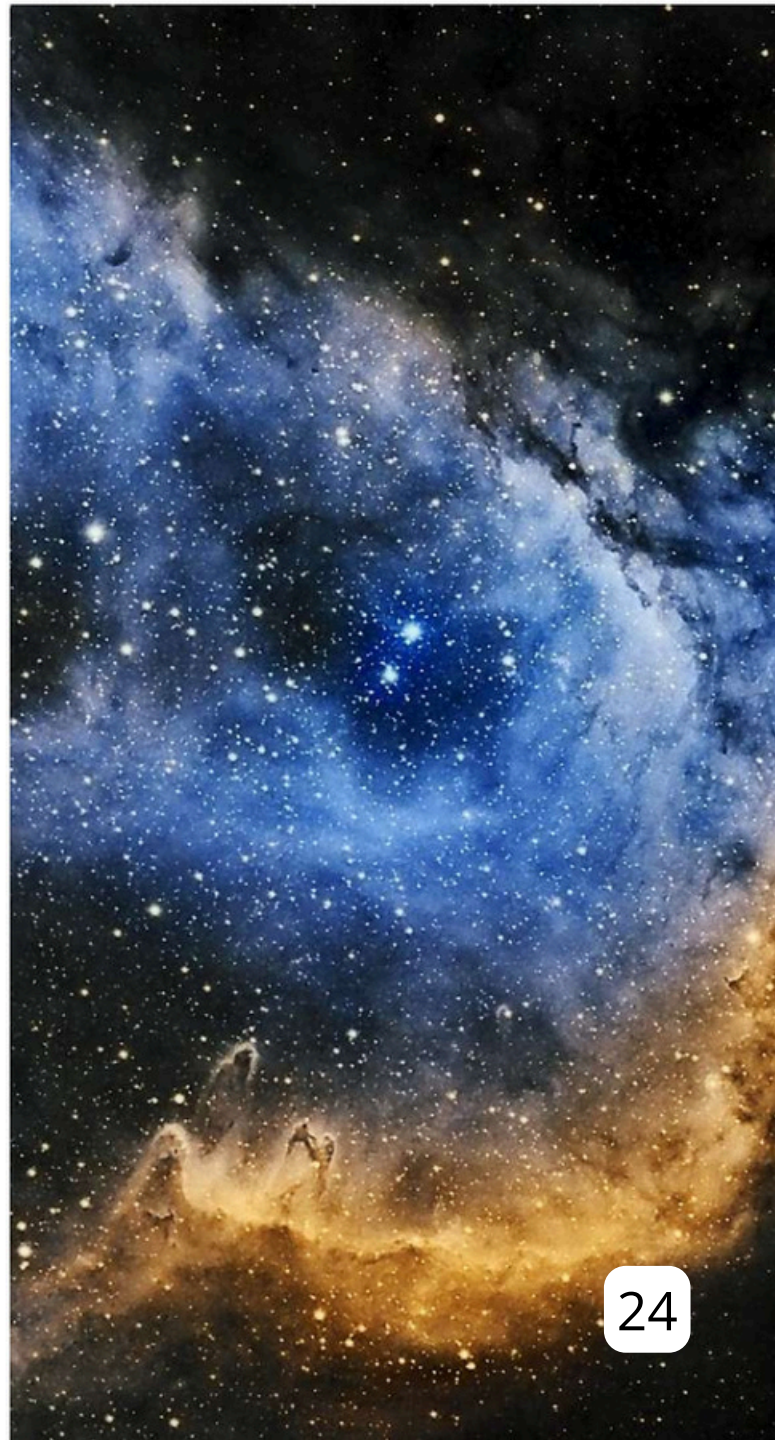


232. No estado errante, podem os espíritos ir a todos os mundos?

“Depende das circunstâncias; tendo o espírito deixado o corpo, ele não está, por este motivo, completamente desligado da matéria ainda pertence ao mundo onde viveu; ou a um mundo do mesmo grau, a menos que, durante sua vida, ele se tenha elevado e aí está o objetivo para o qual deve tender, pois, sem isto, jamais se aperfeiçoaria. Ele pode, todavia, ir a alguns mundos superiores, mas, então, ele aí estará na condição de estrangeiro; por assim dizer, ele apenas, os entrevê e é o que lhe provoca o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que aí se goza e poder habitá-los, mais tarde.”

233. Os Espíritos já depurados vão aos mundos inferiores?

“Eles o fazem frequentemente, a fim de ajudá-los a progredir, sem isto, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem-guias para dirigi-los.”



Já estudamos, em capítulos anteriores, que os Espíritos transitam pelos diversos mundos. Dependendo da sua condição evolutiva e das suas necessidades de progresso, alguns estarão em Mundos que lhes permitirão a quitação com a lei de Deus; outros estarão em Mundos que lhes oferecem condições de uma felicidade relativa; outros, ainda, experimentarão em Mundos muito elevados a felicidade dos justos e do dever cumprido... a cada um segundo suas obras.

Os ensinamentos sobre os Espíritos errantes não são meras curiosidades teóricas, mas conhecimentos práticos que podem transformar nossa abordagem da vida. Ao integrar essas perspectivas em nosso dia a dia, podemos viver de forma mais consciente e preparar ativamente nossa futura existência espiritual.





MUNDOS TRANSITÓRIOS

OBJETIVOS DO BLOCO DE ESTUDO 2:

- Conceituar o que são Mundos Transitórios;
- Apresentar as finalidades dos Mundos Transitórios.



O Livro dos Espíritos:

234. Há, como foi dito, mundos que servem de estações e de pontos de repouso aos espíritos errantes?

“Sim, há mundos particularmente designados aos seres errantes, mundos nos quais eles podem habitar, temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para se repousarem de uma erraticidade muito longa, estado que é sempre um pouco penoso. São, entre os outros mundos, posições intermediárias, graduadas, segundo a natureza dos espíritos, que podem aí chegar e, aí, gozar de maior ou menor bem-estar.”

No bloco 1 vimos conceitos que nos auxiliam a compreender como o Espírito vive no Mundo Espiritual, num momento em que não está encarnado em nenhum Mundo Corpóreo.

Vamos perceber que, de acordo com o conhecimento revelado pelos Espíritos Superiores, teremos um estudo bem amplo do Mundo Invisível.





O Livro dos Espíritos:

234. a) Os espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade?

“Sim, os espíritos que se encontram nesses mundos podem deles se desligar, para ir onde devam ir. Imaginai-os como bandos de pássaros pousando numa ilha, aguardando o retomar das forças, para seguirem seu destino.”

O que seriam os Mundos Transitórios?

Nem todos os Espíritos reencarnam ou vão logo para Mundos superiores após a morte. Os Mundos Transitórios servem para adaptação e aprendizados importantes pois permitem a continuidade do progresso espiritual conforme a

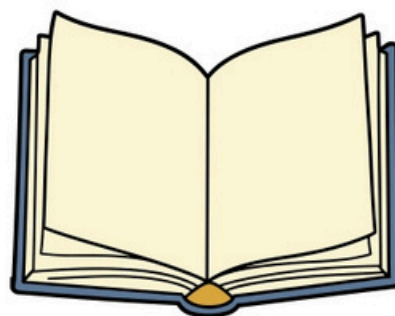
necessidade de cada um. Os Mundos Transitórios envolvem estágios intermediários da Vida Espiritual. Os Mundos Transitórios envolvem estágios intermediários da Vida Espiritual.

De acordo com a Revista Espírita de maio de 1859 no Artigo Música Além-túmulo, o Espírito de Mozart relata sobre os Mundos Transitórios:

“(…) há Mundos particularmente destinados aos seres errantes, Mundos que eles podem habitar temporariamente, espécies de bivaques, de campos de repouso para esses Espíritos fatigados por uma longa erraticidade, estado que é sempre um pouco penoso”.

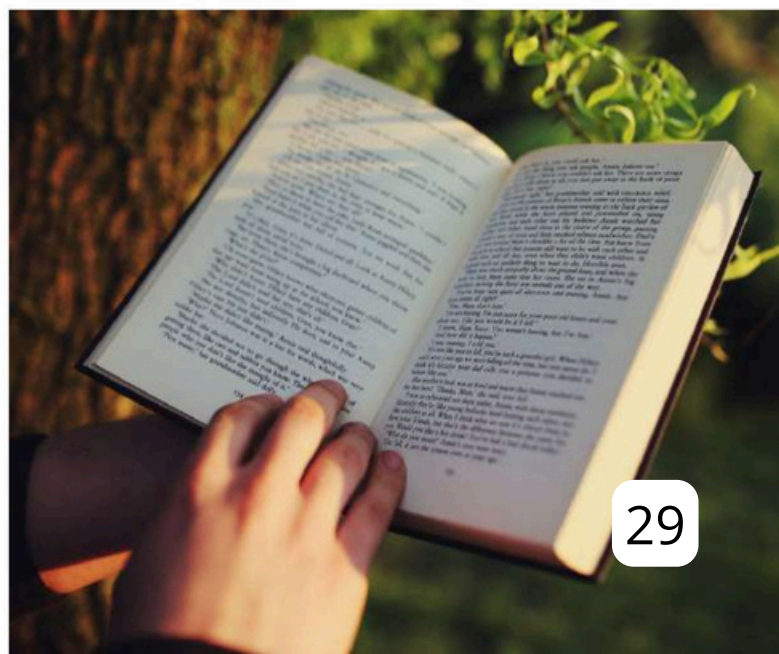
Mundos bivaques seriam então, mundos de estrutura temporárias que servem para estágio de Espíritos recém desencarnados ou que necessitam de repouso imediato, e aí, são tratados e orientados.

Também na Revista Espírita de Maio de 1859 no Artigo Mundos intermediários ou transitórios **(Anexo 2)**, Santo Agostinho nos revela que esses mundos que



servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos Errantes, apresentam diferentes graus, isto é, ocupam posição intermediária entre os outros Mundos, conforme a natureza dos Espíritos que os procuram e que aí gozam de maior ou menor bem-estar.

Então os Mundos Transitórios são capazes de fornecer aos Espíritos Errantes, meios para uma escalada maior. Ali, eles podem continuar aprendendo sobre o amor e a caridade, através do que lhes falar mais alto ao coração.





Mundos Transitórios, Colônias, Esferas, Zonas ou Regiões Espirituais são a mesma coisa?

Ainda de acordo com o artigo citado da RE de maio de 1859, Santo Agostinho continua a revelar que os Mundos Transitórios têm uma constituição semelhante à de outros planetas, mas com a superfície estéril, e que em nosso sistema planetário não há destes Mundos, além de nos pontuar que a Terra já foi um mundo desses no início de sua formação, conforme consta nas questões de *O Livro dos Espíritos*: 236 d, e 236 e.

Podemos concluir então que, os Mundos Transitórios possivelmente fazem parte dos

corpos celestes espalhados pelo universo podendo ser um planeta, satélite natural ou algo similar, não sendo assim uma Região Espiritual conforme as relatadas na literatura espírita. Colônias, Regiões, Zonas ou Esferas Espirituais correspondem a coletividades desencarnadas vinculadas a determinado planeta, como as que estão associadas ao Planeta Terra.

Lembremos Jesus quando disse: “Há muitas moradas na Casa de meu Pai”. As moradas são inúmeras. São incontáveis os Mundos que servem de Casas para todas as condições espirituais.



235. Os espíritos progridem, durante suas permanências nos mundos transitórios?

“Certamente; os que assim se reúnem, o fazem com o objetivo de se instruir e de poder, mais facilmente, obter a permissão para ir a lugares melhores e chegar à posição que os eleitos atingem.”

Qual a finalidade desses Mundos?

Como vamos percebendo Deus aproveita tudo para nos educar e auxiliar em nosso crescimento, porque a Lei é de progresso.

A evolução do Ser Espiritual ocorre em todos os Mundos pelos quais o Espírito passar, pois todos têm condições de oferecer meios para essa evolução. Assim, estes Mundos funcionam como pontos de encontro e repouso para os Espíritos, servindo para sua recuperação e preparação para novos desafios.

Novamente nos remetemos ao artigo Mundos Intermediários ou Transitórios da RE de maio de 1859 **(Anexo 2)**, onde Santo Agostinho, ao ser questionado se os Espíritos progridem enquanto estacionam nos Mundos Intermediários, responde: “Certamente. Os que assim se reúnem fazem-no com o objetivo de instruir-se e poderem mais facilmente obter permissão para irem a melhores lugares e



e alcançar a posição dos eleitos.”, como consta na questão 235 de *O Livro dos Espíritos*. A instrução e a orientação fazem parte desses Mundos.

Segundo Miramez, em seus comentários na questão 235, de *O Livro dos Espíritos*: “Em qualquer lugar onde as almas se encontrem, o despertar, mesmo que seja vagaroso, é um fato incontestável. Nada para em todas as escaladas da vida, desde o vírus ao anjo.”



236. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios estão perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não, a posição deles é apenas temporária.”

236. a) São eles, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos?

“Não, a superfície deles é estéril. Aqueles que os habitam de nada precisam.”

b) Essa esterilidade é permanente e se deve à sua natureza especial?

“Não; eles são, transitoriamente, estéreis.”

c) Esses mundos devem, então, ser desprovidos de belezas naturais?

“A Natureza se traduz pelas belezas da imensidão, que não são menos admiráveis do que o que chamais de belezas naturais.”

d) Visto que o estado desses mundos é transitório, nossa Terra será, algum dia, um deles?

“Ela já foi.”

e) Em que época?

“Durante a sua formação.”

Nota de Kardec:

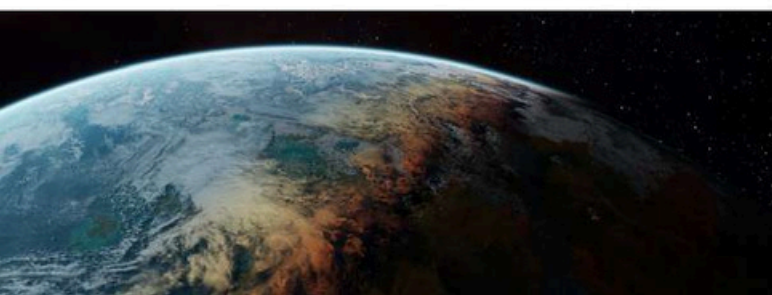
Nada é inútil na Natureza; cada coisa tem sua finalidade, sua destinação; nada está vazio, tudo é habitado, a vida está por toda a parte. Assim, durante a longa série dos séculos que se passaram, antes da aparição do homem na Terra, no decorrer dos lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, sobre aquela massa informe, naquele árido caos onde os elementos estavam confundidos, não havia ausência de vida; seres que não tinham nem as nossas necessidades nem as nossas sensações físicas, aí encontravam refúgio. Deus quis que, mesmo naquele estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, portanto, ousaria dizer que, dentre esses milhares de mundos que circulam na imensidão, um único, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio

exclusivo de ser povoado? Qual seria, então, a utilidade dos outros? Deus tê-los-ia feito visando apenas recrear nossa vista? Sua posição absurda, incompatível com a sabedoria que ressalta de todas as suas obras e inadmissível, quando se pensa em todos aqueles que não podemos perceber. Ninguém contestará que há, nesta ideia dos mundos ainda impróprios para a vida material, e todavia, povoados de seres vivos apropriados a esse meio, algo de grande e de sublime, onde, talvez, se encontre a solução de mais de um problema.

Quanto tempo dura a estadia do Espírito Errante nos Mundos Transitórios?

Como se dá esse progresso?

Atentemos que os Mundos, os sistemas planetários, também crescem na escala evolutiva, não



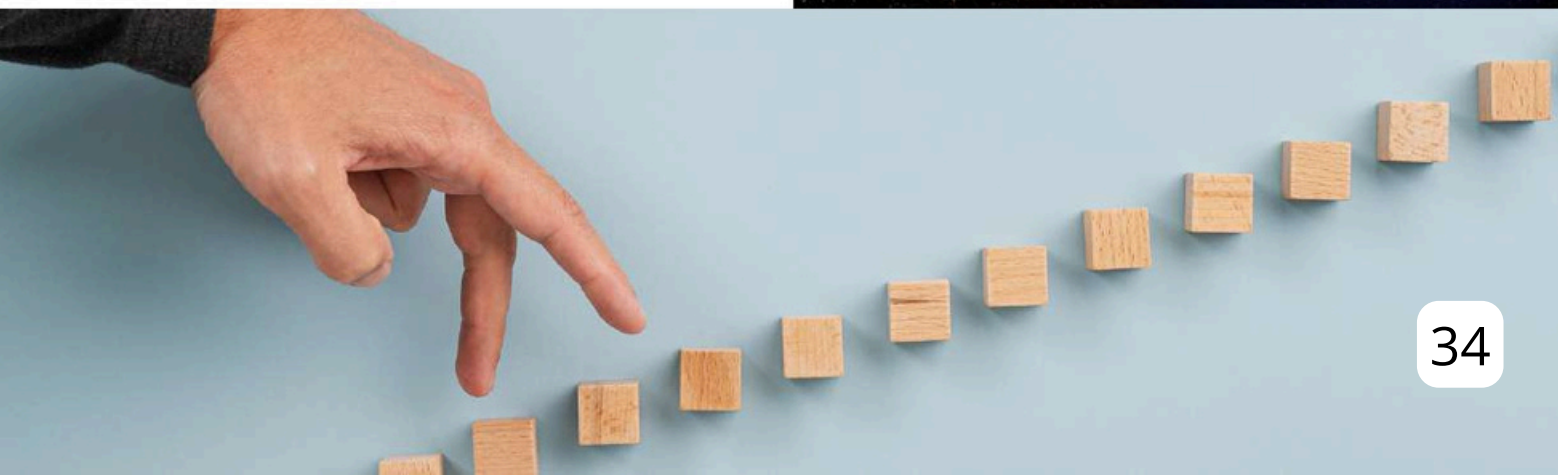
apenas as almas que evoluem; a matéria as acompanha de acordo com as necessidades que o progresso lhes impõe. São temporariamente estéreis, ou seja, naquele momento não geram vida orgânica, são áridos, mas é uma condição passageira, porque tudo evolui!

Os Mundos Temporários se desfazem para agregar suas massas a outros mundos em formação, à medida que não são mais necessários, dando origem a novas formas de vida e assim sucessivamente num processo de agregação e desagregação sempre com o intuito de servir ao Espírito Imortal.

Segundo Miramez, em seu comentário à questão 236 de *O Livro dos Espíritos* - "Os mundos, tanto na sua formação como na sua decadência, servem como hospedaria para os Espíritos retardatários, como oportunidade de educação e corrigenda".

As condições de todos os mundos são temporárias, como as condições íntimas de todos os Espíritos, porque constantemente estamos mudando de costumes, pensamentos, pontos de vista, que são exigidos pelo próprio progresso. Somente Deus é estável.

A permanência do Espírito nesses Mundos dependerá do progresso espiritual de cada Espírito. O tempo necessário será o de contribuir para a sua evolução moral e espiritual. E, como vimos os motivos para estar neste mundo incluem aprendizado, arrependimento e reparação de débitos.





Podemos então, fazendo uma associação para nosso melhor entendimento, citar como exemplos de atividades possíveis nesses Mundos Transitórios:

- Locais de recuperação e cura para os Espíritos após a morte (semelhantes aos hospitais espirituais);
- Ambientes onde os Espíritos aprendem e se preparam para futuras tarefas (semelhantes a locais de estudo);
- Guias espirituais auxiliando no desenvolvimento consciente e moral, auxiliando a cultivar virtudes, praticar o amor, a caridade e o desapego na vida diária material. Não é só Espírito inferior que fica neste tipo de mundo.

Assim, o Espírito busca preparar-se para uma transição espiritual mais suave e consciente.

Não é castigo de Deus, porque o Pai é sempre bom! Não é isolamento, não é exclusão, é repouso, é uma parada! A proposta é sempre de estímulo para o progresso do Espírito Imortal!

Como Kardec pontua na sua nota da questão 236, de *O Livro dos Espíritos*, para ascender a mundos superiores ao que o Espírito esteja habituado a reencarnar, ele deve ser orientado a ter uma jornada que envolva superar apegos e vícios terrestres, e a progressão dependerá então do cultivo destas virtudes, que foram sugeridas na vida espiritual, na vida terrestre.

Lembremos:

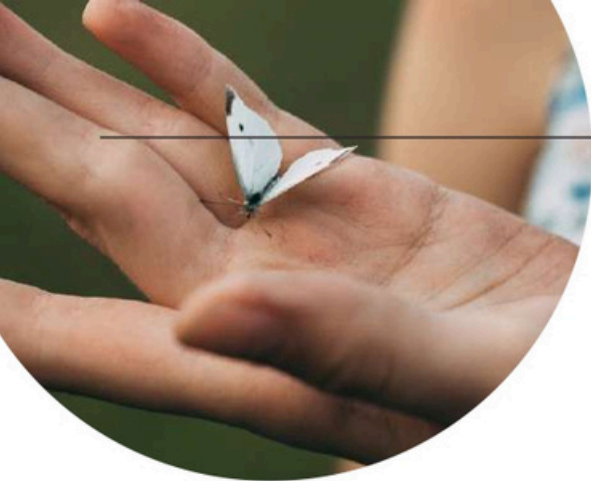
“Jesus se encontra na direção do nosso planeta, (...) o Evangelho é o antídoto de todas essas forças negativas, (..) Os Mundos habitados são escolas de Deus, para a libertação das almas.” - Miramez



PERCEPÇÕES, SENSações E SOFRIMENTO DOS ESPÍRITOS

OBJETIVOS DO BLOCO DE ESTUDO 3:

- Demonstrar que no Mundo Espiritual as percepções do Espírito continuam e podem ser ampliadas;
- Identificar que quanto maior a evolução do Espírito, maior o seu conhecimento;
- Mostrar como os Espíritos compreendem o tempo;
- Mostrar as diferentes relações dos Espíritos com Deus;
- Demonstrar como os Espíritos enxergam, ouvem e sentem no Mundo Espiritual.



Além dos sentidos: Como os Espíritos percebem a vida após a morte?

O que permanece de nós após a morte? Que sensações, percepções e experiências persistem quando deixamos o corpo físico? Seria possível ver sem olhos, ouvir sem ouvidos, sentir sem nervos? Compreender esses aspectos requer que sejamos observadores atentos e corajosos em desbravar o Invisível junto com Kardec, que mergulha nessas questões profundas, tendo a Revelação dos Espíritos sobre os aspectos da Vida Espiritual que desafiam a lógica materialista e ampliam nossa visão sobre a existência.

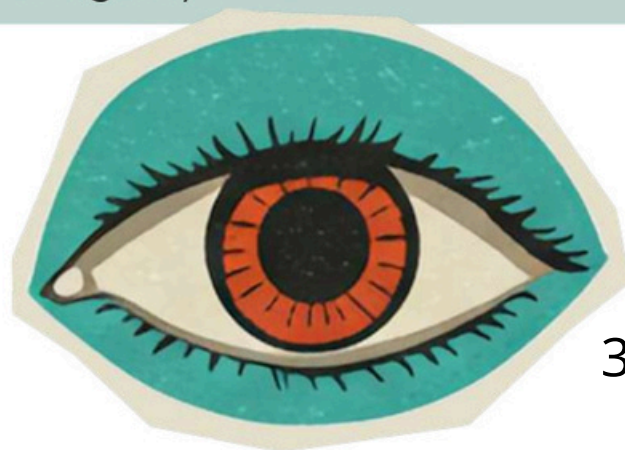
O nosso estudo continua com uma proposta reflexiva e contemplativa desse mundo em que a consciência não dorme, a percepção não se apaga e o

sofrimento assume contornos morais muito mais intensos do que os físicos. Entender como os Espíritos percebem o tempo, a música, a beleza e, até mesmo, a dor é abrir uma fresta na janela da eternidade e deixar que a luz da imortalidade ilumine nossas concepções humanas. E, para começar, vamos entender primeiramente o que são as percepções e sensações:



O que é percepção?

Percepção: 1. Ação ou efeito de perceber alguma coisa por meio das sensações; impressão: percepção do clima. 2. Compreensão do sentido de algo através da inteligência; entendimento: percepção de uma teoria. (Dicionário on-line de Português)



O que é sensação?

Sensação: 1. Processo através do qual um estímulo (interno ou externo) é capaz de causar um resultado determinado, provocando uma reação física ou emocional em: sensação de sede; sensação de cárcere. 2. Conhecimento instantâneo e percebido a partir de uma intuição: tenho a sensação de aquele trabalho não vai durar. (Dicionário on-line de Português)

Para complementar nosso entendimento, trazemos o conceito sobre a “Percepção dos Espíritos”, de acordo com o Dicionário de Filosofia Espírita (L. Palhano Jr.):



“Constituem atributo do Espírito e lhes são inerentes ao ser. Quando o Espírito está encarnado, as percepções lhes chegam através dos órgãos. Deixam de estar localizadas quando o Espírito está na Erraticidade.”

Esta ideia nos foi esclarecida na seguinte pergunta feita por Kardec:



237. Uma vez no mundo dos espíritos, a alma tem ainda as percepções que possuía enquanto viva?

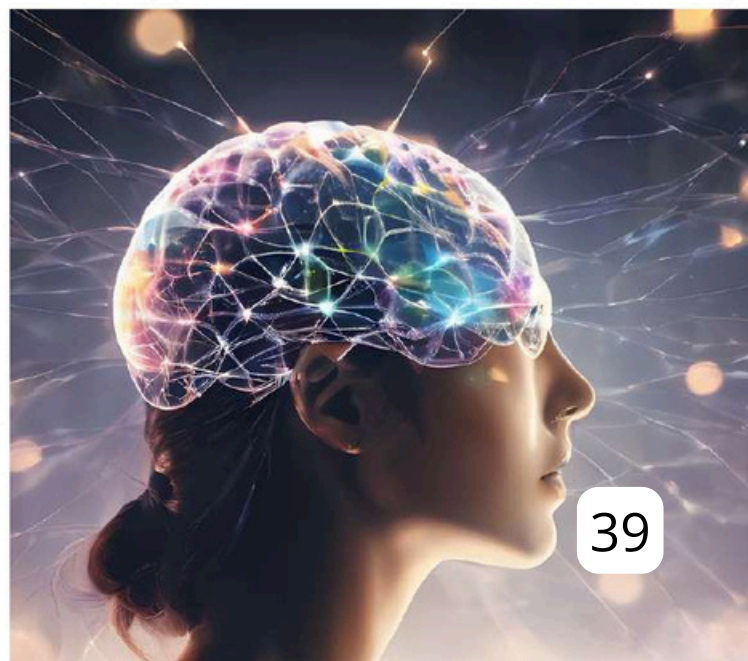
“Sim, e ainda outras que não possuía, porque seu corpo era como um véu que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas ela mais livremente se manifesta, quando não tem entraves.”

Durante a encarnação, nossas capacidades espirituais encontram-se comprimidas pelos estreitos canais dos sentidos materiais. Vemos apenas o que a visão biológica permite, ouvimos dentro da faixa que nossos ouvidos captam, e compreendemos o mundo filtrado pelas experiências sensoriais e cognitivas possíveis em um organismo perecível e vulnerável. E ainda que dotados de mediunidade, há de se considerar certas limitações que se apresentam os atributos mediúnicos, a depender da moralidade e necessidade do Espírito. O sono é outro momento em que nos aproximamos mais dessa condição dos Espíritos Errantes, mas também com limitações por ainda estarmos conectados ao corpo material através do cordão fluídico.

Todavia, quando liberto da matéria, o Espírito não apenas retoma essas percepções como as amplia consideravelmente, pois não está mais sujeito às limitações do organismo. Essa libertação evidencia que somos, em essência,

seres espirituais com potenciais que transcendem os limites da carne, e que a matéria, embora necessária à nossa evolução, também nos impõe fronteiras. A consciência, então, se expande conforme a elevação moral do Espírito, e suas faculdades tornam-se mais livres e intensas. Compreender essa realidade não apenas consola quem teme a morte, mas também inspira, ainda na Vida Encarnada, o cultivo do autoconhecimento e da sensibilidade moral como formas de sintonizar, mesmo que parcialmente, com a liberdade da Vida Espiritual.

Portanto, quanto mais estudamos, mais conhecemos a nós mesmos e o que nos rodeia, mas seremos capazes de saber sobre tudo?





O que é possível saber sobre o Saber?



O Livro dos Espíritos:

238. As percepções e os conhecimentos dos espíritos são ilimitados? Numa palavra: eles sabem tudo?

“Quanto mais se aproximam da perfeição, mais sabem; se são superiores, sabem muito; os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de todas as coisas.”

Logo, o conhecimento está diretamente relacionado ao grau de elevação e pureza espiritual. Ou seja, assim como entre os encarnados o saber varia conforme o amadurecimento moral e intelectual, no Plano Espiritual essa lógica continua válida.

Amadurecimento moral promove um uso ético do conhecimento intelectual, por isso que às vezes vemos Espíritos sem tanto conhecimento, porém com grandes responsabilidades e atuação na Seara do Bem. É possível saber mais para aqueles que farão bom uso disso.



O Livro dos Espíritos:

239. Os espíritos conhecem o princípio das coisas?

“De acordo com sua elevação e sua pureza; os espíritos inferiores não sabem, sobre isto, mais do que os homens.”



Os Espíritos Inferiores permanecem tão ignorantes sobre as origens da Criação quanto os homens, o que nos conduz a perceber que o conhecimento adquirido pelos Superiores sobre as Leis Divinas e a Gênese Universal não é dado indiscriminadamente e pode até ser profundo, mas jamais será total. Por mérito e pela afinidade com o Bem, os Espíritos se aproximam de Deus, mas jamais serão o próprio Deus. E esse sim, Deus, é Aquele que tudo sabe!



O tempo: passado, presente e futuro.

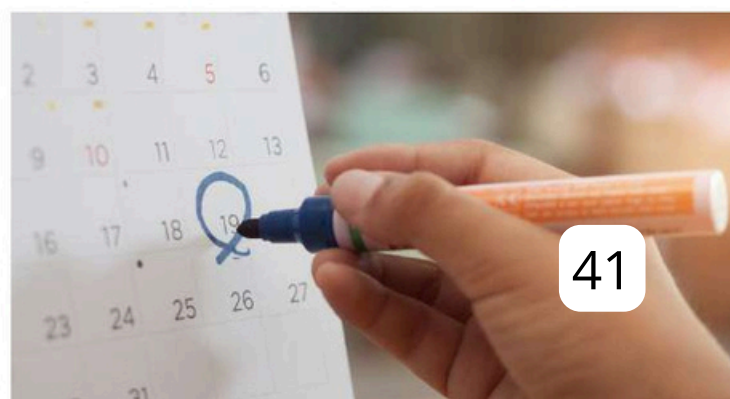
Será que o tempo do Mundo Material e do Mundo Espiritual é o mesmo?



*O Livro
dos Espíritos:*

240. Os espíritos compreendem a duração do tempo como nós?

“Não, e é o que faz com que nem sempre nos compreendais, quando se trata de fixar datas ou épocas.”



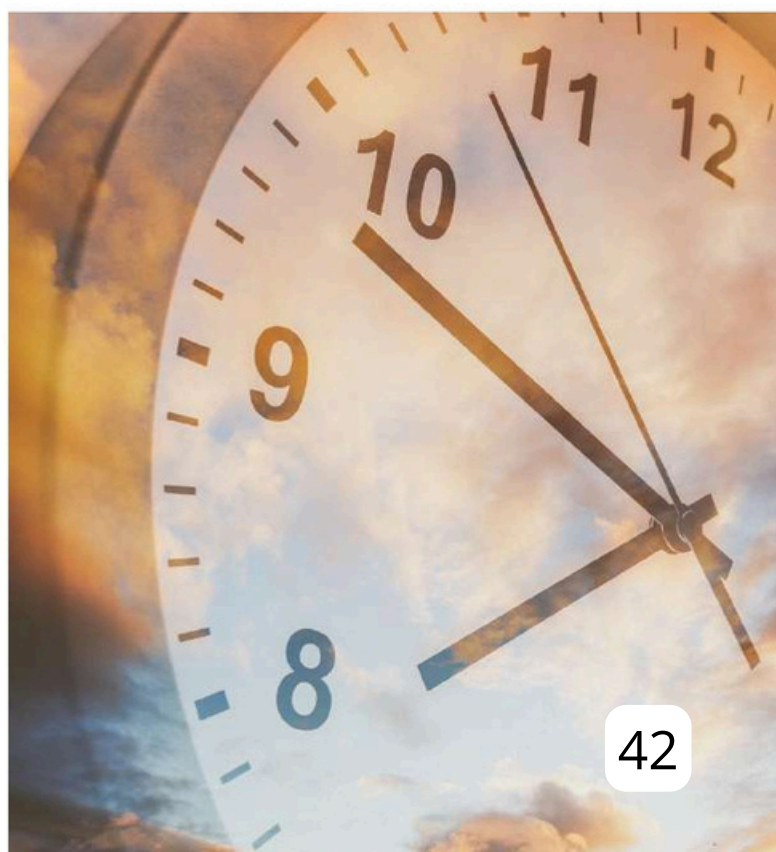
Os espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos; o transcurso do tempo, para eles, anula-se, por assim dizer, e os séculos, tão longos para nós, são-lhes apenas instantes que se apagam na eternidade, do mesmo modo que as desigualdades do solo se apagam e desaparecem, para aquele que se eleva no Espaço.



241. Têm os espíritos uma ideia do presente mais precisa e mais exata do que nós?

“Quase como aquele que enxerga bem, possui uma ideia mais exata das coisas do que o cego. Os espíritos veem o que não vedes; julgam, portanto, diferentemente de vós; mas, uma vez ainda, isto depende da elevação deles.”

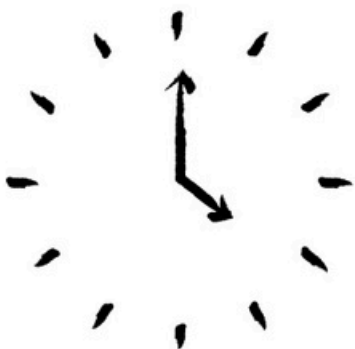
Enquanto os encarnados experimentam o tempo de forma linear, marcada por horas, dias e anos, os Espíritos vivem em uma Dimensão onde o tempo se dilui, tornando-se uma realidade mais fluida e abrangente. Para os Espíritos, os séculos podem parecer instantes e os acontecimentos se apresentam mais pelo seu significado do que pela sua posição numa linha cronológica. Esse ensinamento nos convida a refletir sobre a importância e relevância que damos ao tempo, seja deixando o tempo passar, seja querendo que o tempo voe.



O que me dizer sobre a frase: Tudo no tempo de Deus? Seria resignação ou desculpa? Tempo para nós é questão de organização. Espíritos Superiores não precisam da medição do tempo para se organizarem.

O tempo verdadeiro será sempre o tempo de Deus, que considera as condições ideais de algo acontecer, independente da nossa percepção de tempo.

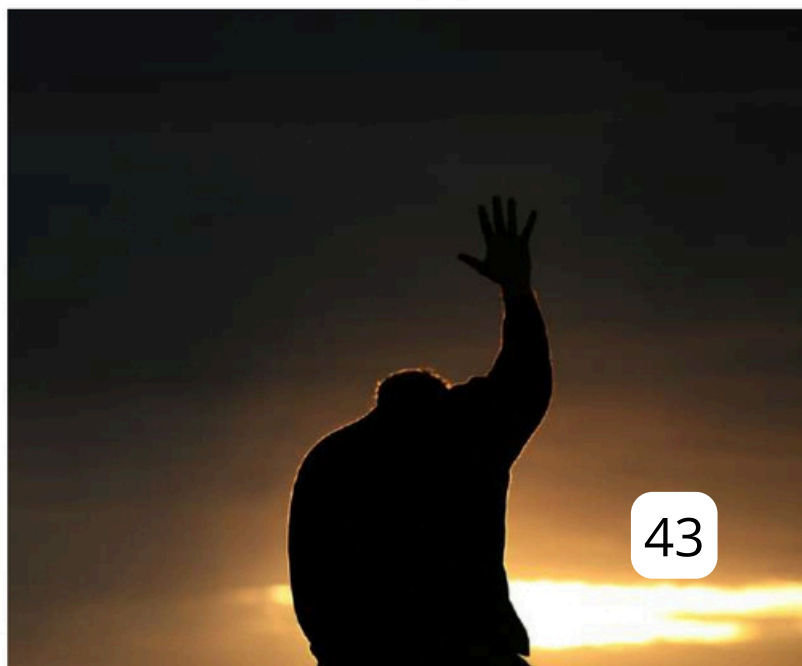
A rigidez que temos com o tempo é meramente material, por esse motivo que os Espíritos Superiores percebem o tempo para além do que pedimos, queremos ou desejamos, porque a observação do tempo no Plano Espiritual está sempre atrelada ao Propósito e à Vontade de Deus, seja sobre o passado, o presente ou o futuro, como podemos observar nas questões 242 e 243 a seguir:



*Libro
dos Espíritos:*

242. Como os espíritos têm o conhecimento do passado? E esse conhecimento para eles não tem limite?

“O passado, quando dele nos ocupamos, é presente; exatamente como te lembras de uma coisa que te impressionou no decorrer do teu exílio. Simplesmente, como não temos mais o véu material que obscurece tua inteligência, nós nos lembramos de coisas que se te apagaram da memória; mas, nem tudo é conhecido pelos espíritos: a começar pela sua própria criação.”



Os Espíritos Superiores se mantêm como foco no presente, pois o momento do “aqui e agora” é onde se pode fazer algo para crescer e evoluir. Interessante lembrar que a psicologia humana coloca que “viver no passado” pode levar à depressão e “viver no futuro” pode gerar ansiedade, o que demonstra a importância de buscarmos viver no momento presente.



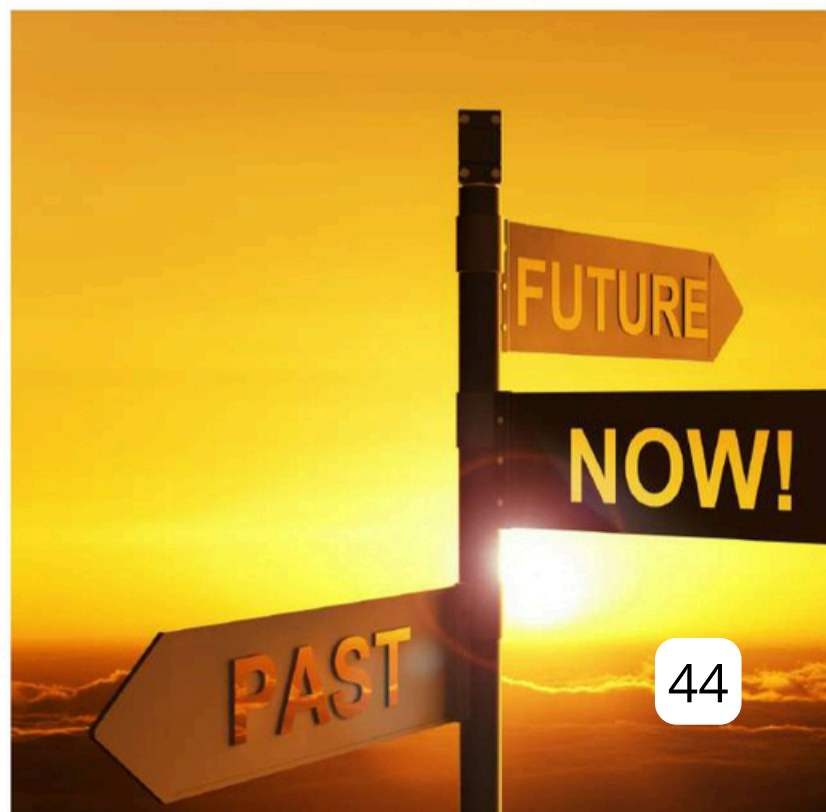
243. Os espíritos conhecem o futuro?

“Isto depende, ainda, do aperfeiçoamento deles; frequentemente, eles apenas o entreveem, porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo; quando o veem, parece-lhes presente.

O espírito vê o futuro mais claramente, à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e abarca, num piscar de olhos, suas migrações passadas, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; para isso, é preciso que ela esteja inteiramente integrada a ele, após muitas existências.”

a) Os espíritos que chegaram à perfeição absoluta têm um conhecimento completo do futuro?

“Completo não é a palavra, pois só Deus é o soberano Senhor e ninguém pode igualar-se a ele.”





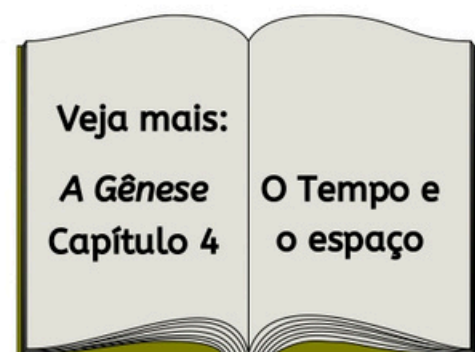
Percebam, portanto, que é possível entrever o tempo. Todavia, há de se considerar também que a criação existe desde toda a eternidade e somente Deus é eterno, de tal forma que este total entendimento sobre o tempo terá sempre limites para nós, mas não para Deus. Tal entendimento acerca do tempo pode ser mais bem compreendido no livro *A Gênese*, em seu quarto capítulo:

“O olhar do observador que penetra as incomensuráveis distâncias do espaço, sem jamais encontrar obstáculos, e o olhar do geólogo, que remonta além dos limites das eras, ou que desce, maravilhado, às profundezas da eternidade, onde

eles um dia se perderão, agem de acordo, cada um na sua estrada, para adquirir esta dupla noção de infinito: extensão e duração.

(...) O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias. A eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela não há começo nem fim: tudo é presente.

(...) Se tivermos compreendido bem a relação, ou antes, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizarmos com a ideia de que o tempo não é mais que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é suscetível de qualquer medida sob o ponto de vista da duração, compreenderemos que, para a eternidade, não há começo nem fim.”



E quanto a nossa percepção sobre Deus? O que dizer?

Já conversamos sobre esse assunto no 30º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos* com o Tema: “Simplesmente Deus!”, mas é sempre bom recordar.



244. Os espíritos veem Deus?

“Apenas os espíritos superiores o veem e o compreendem; os espíritos inferiores o sentem e o adivinham.”

a) Quando um espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou lhe permite algo, como sabe que isto vem dele?

“Ele não vê Deus, mas sente sua soberania e, quando

uma coisa não deve ser feita, ou dita uma palavra, ele percebe, como uma intuição, uma advertência invisível que o proíbe de fazê-lo. Vós mesmos não tendes pressentimentos que são para vós como advertências secretas para fazer, ou não, esta ou aquela coisa? Acontece o mesmo conosco, apenas num grau mais elevado, pois tu compreendes que, sendo a essência dos espíritos mais sutil que a vossa, eles podem captar melhor as advertências divinas.”

b) A ordem lhe é transmitida diretamente por Deus, ou por intermédio de outros espíritos?

“Ela não lhe vem diretamente de Deus; para comunicar-se com ele, é necessário ser digno disto. Deus lhe transmite suas ordens através de Espíritos que se acham mais elevados em perfeição e em instrução.”





Ver sem olhos, sentir sem corpo: Como os Espíritos exploram o Mundo Espiritual?

É natural deduzirmos que, ao desencarnarmos, permanecemos enxergando com os olhos, sentindo com tato e ouvindo com os ouvidos, afinal, essa é a nossa Espiritual?



Veja também:

- A Gênese - Capítulo II, itens 10 e 34.
- O Livro dos Espíritos - Questões 112, 113, 146 e 147.
- Palavras do Coração - Lição 60 - Percepções.



245. A visão, nos espíritos, é circunscrita, como nos seres corporais?

“Não, ela reside neles.”





246. Os espíritos têm necessidade da luz para ver?

“Eles veem por si mesmos e não têm necessidade da luz exterior; para eles não há trevas, com exceção daquelas em que podem achar-se por expiação.”

Os Espíritos assim nos revelam uma percepção ampliada da realidade espiritual em contraste com as limitações dos sentidos humanos, pois que na Erraticidade o Espírito vê através do seu corpo fluídico, diferente dos encarnados, que têm a visão condicionada aos órgãos materiais. Logo, os Espíritos não dependem da luz física para enxergar, é inerente à própria natureza espiritual (fluido etéreo), conceito trazido na A Gênese, Capítulo XIV:

“Visto que a visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, segue-se que a percepção das coisas não acontece por meio da luz comum: de fato, a luz material é feita para o Mundo Material; para o Mundo Espiritual existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que, sem dúvida, é uma das propriedades do fluido etéreo, adequada às percepções visuais da alma. Há, portanto, a luz material e a luz espiritual.



A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem seu foco em toda a parte: esta é a razão por que não há obstáculos para a visão espiritual; ela não se detém nem pela distância, nem pela opacidade da matéria; para ela não existe a obscuridade. Portanto, o Mundo Espiritual é iluminado pela luz espiritual, que tem os seus próprios efeitos, do mesmo modo que o mundo material é iluminado pela luz solar."

A Gênese, Cap. XIV.

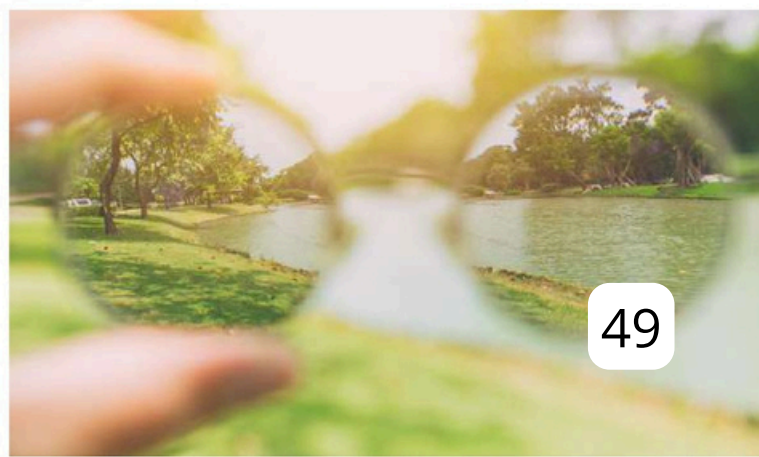


247. Os espíritos necessitam transportar-se para ver em dois pontos diferentes? Podem, por exemplo, ver, simultaneamente, nos dois hemisférios do globo?

"Como o espírito se transporta com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê, ao mesmo tempo, em toda a parte; seu pensamento pode irradiar e se dirigir, ao mesmo tempo, para vários pontos diferentes; esta faculdade, porém, depende de sua pureza: quanto menos depurado, tanto mais limitada é sua visão; apenas os espíritos superiores podem abarcar um conjunto."

247. Nota de Kardec

A faculdade de ver, nos espíritos, é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso; é uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, abarca, de



uma só vez, o Espaço, os tempos e as coisas e para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim; no homem, a visão opera-se pelo funcionamento de um órgão impressionado pela luz; sem-luz, ele está na obscuridade. No espírito, sendo a faculdade de ver um atributo dele próprio, abstração feita de qual quer agente exterior, a visão é independente da luz.” (Ver Ubiquidade, questão 92.)

Veja com mais detalhes:

- A Gênese - Capítulo XIV – Itens 24 a 27
- Revista Espírita - 1864 – março - Um médium pintor cego

Um exemplo interessante que exemplifica a questão 247 é trazido no **Anexo 3** (Pensamento e Mediunidade) que relata o fenômeno da comunicação irradiada por um Espírito não presente no momento.



O Livro dos Espíritos:

248. O espírito vê as coisas tão distintamente quanto nós?

“Mais distintamente, pois sua visão penetra onde não podeis penetrar; nada a obscurece.”

Um caso interessante que denota essa questão é relatada na *Revista Espírita* de 1864, ao falar de uma médium cega que pintava:

“A cega de que se trata via, pois, pela alma e não pelos olhos; eis porque o corpo opaco colocado diante de seu desenho não a dificultava mais do que se diante dos olhos de um vidente fosse colocado um cristal transparente; é também porque ela podia desenhar à noite tão bem quanto de dia. O fluido perispiritual irradiando tudo ao seu redor, penetrando tudo, levava a imagem, não sobre a retina, mas à sua alma.”





249. O espírito percebe os sons?

“Sim; percebe até sons que vossos sentidos obtusos não podem perceber.”

a) A faculdade de ouvir está em todo o seu ser, como a de ver?

“Todas as percepções são atributos do espírito e fazem parte de seu ser; quando está revestido de um corpo material, elas só lhe chegam através do canal dos órgãos; porém, no estado de liberdade, elas não estão mais localizadas.”

Ouvir também faz parte de todo o Ser Espiritual, assim como a visão. O *Livro dos Médiuns*, no Capítulo 23, nos introduz o conceito da Pneumatofonia (do grego, *pneuma*, e *phoné*, som ou voz) que se refere a voz dos Espíritos, ou seja, a comunicação oral dos Espíritos, sem o auxílio da voz humana.



Veja mais:

Revista Espírita - 1860: março - O Doutor Vignal - (33 a 35) e março - Um Médium Curador.



250. Sendo as percepções atributos do próprio espírito, é-lhe possível subtrair-se a elas?

“O espírito apenas vê e ouve o que quer. Diz-se isto, de maneira geral e, sobretudo, com relação aos espíritos elevados, pois os que são imperfeitos, estes, ouvem e veem, frequentemente, contra a sua vontade, o que pode ser útil para seu melhoramento.”

Cada pessoa percebe as coisas de acordo com seu nível de consciência e interesse. As sensações que sentimos são resultado dessas percepções. Quanto mais apegados às coisas materiais, mais sensíveis e vulneráveis ficamos, assim como o nosso estado emocional também influencia muito na forma como percebemos e sentimos o que acontece à nossa volta, daí a importância de nos atentarmos as nossas conquistas morais.



Veja também:

Revista Espírita.
1859 - abril

Quadro da Vida Espírita

Música e Beleza do Além: As Notas e Cores que vibram na alma



251. Os espíritos são sensíveis à música?



“Queres falar da ,úsica terrena? O que é ela comparada à música eeeste? A essa harmonia da qual nada na Terra pode dar-vos uma ideia? Uma está para a outra, assim como o canto do selvagem, para uma suave melodia. Todavia, espíritos vulgares podem experimentar um certo prazer em ouvir vossa música, porque ainda não lhe é dado compreender uma outra mais sublime. A música possui encantos infinitos para os Espíritos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas; refiro-me à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.”

Ainda não temos sensibilidade suficiente para perceber as belezas mais sublimes do Plano Espiritual. Lá, os 'materiais de construção' não são físicos, mas feitos de pensamento e vontade. A música, por exemplo, não vem de instrumentos como os conhecemos, mas se manifesta através dos fluidos espirituais, tocando diretamente o ser. Para os Espíritos Superiores, a música elevada é um verdadeiro alimento para a alma. Segundo o Espírito Miramez, o que chamamos de música aqui na Terra, comparado à harmonia das Esferas Superiores, pode ser visto apenas como um batuque rudimentar."

Veja também:

*Obras Póstumas - 1ª Parte -
Músicas Celestes.*

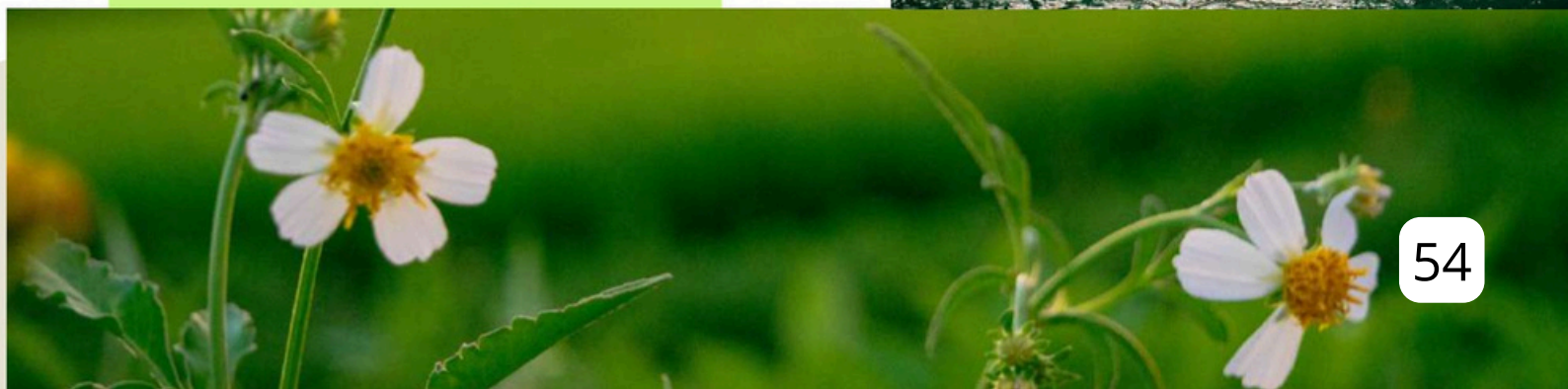
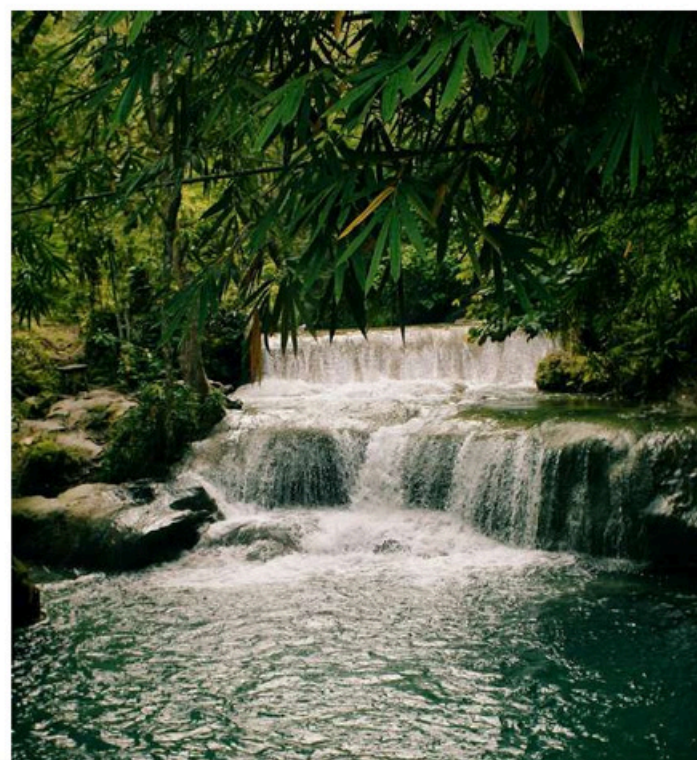
*Revista Espírita 1859 -
maio - Música de Além
Túmulo.*



252. Os espíritos são sensíveis às belezas da Natureza?

“As belezas naturais dos mundos são tão diferentes, que estamos longe de conhecê-las. Sim, são-lhes sensíveis, conforme sua aptidão para apreciá-las e compreendê-las; para os espíritos elevados, há belezas de conjunto, diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas de detalhe.”

Nós, como Espíritos, somos sensíveis às belezas da Natureza, e cada Mundo habitado tem seus próprios encantos, de acordo com o nível dos seres que o habitam. Podemos até dominar certos conhecimentos, mas só percebemos aquilo que nossa evolução espiritual nos permite. Por isso, é essencial aprendermos a olhar a Natureza como uma fonte de inspiração, reflexão e conexão com o Criador.



Sensações no Mundo Espiritual: ilusão ou realidade?



253. Os espíritos experimentam nossas necessidades e nossos sofrimentos físicos?

“Eles os conhecem, porque os sofreram, mas não os experimentam materialmente, como vós: são espíritos.”

A dor é sim sentida no Plano Espiritual, porém, enquanto Espíritos Errantes, ela é percebida pelo corpo espiritual (fluídico) com muito mais intensidade de como seria sentida pelo corpo físico, que já não mais existe. Nesta condição a dor é moral e para compreender esta questão, basta recordarmos as dores que sentimos quando nos

chega o sentimento de culpa, remorso ou arrependimento, em que nada físico nos acometeu, mas é possível sentir algo. Para trazer um exemplo que aproxima o Espírito encarnado dessa realidade experimentada pelo Espírito desencarnado, quando nos referimos a “uma dor que dói na Alma”, estamos falando de algo que sentimos para além do corpo físico.





*O Livro
dos Espíritos:*

254. Os espíritos experimentam a fadiga e a necessidade do repouso?

“Eles não podem sentir a fadiga, assim como a entendeis e, por conseguinte, não têm necessidade do vosso repouso corporal, visto que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas; o Espírito, porém, repousa, no sentido de que não está em atividade constante; ele não age materialmente; sua ação é toda intelectual e seu repouso inteiramente moral; quer dizer que há momentos em que seu pensamento deixa de ser tão ativo e não se fixa num objeto determinado; é um verdadeiro repouso, mas, não é comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem experimentar é consequência da inferioridade deles, pois, quanto mais elevados são, menos repouso lhes é necessário.”

Veja também:

- O Livro dos Espíritos - Questão 965.
- Cânticos do Coração. Volume II- Yvonne A. Pereira - Capítulo 1 - Espíritos de Crianças.
- O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo 3 - Item 2 (Ação e Reação - Resgate Coletivo).



O livro *Nos domínios da Mediundidade*, no capítulo 21 – A mediunidade no leito de Morte (Francisco Candido Xavier), retrata um caso de fadiga de um Espírito que acabara de desencarnar:

“A recém-desencarnada, de alma opressa, resistia à fome de repouso que lhe castigava o pensamento, indecisa e agoniada, sem saber definir se estava viva dentro da morte ou se estava morta dentro da vida.”

E sobre esta questão, Altivo Pamphiro, fundador do CELD, nos dizia que o despertar é consciencial e que com alguns “a ficha demora a cair”. Portanto, a depender de cada caso, há ou não a necessidade de repouso. Veja também o que o livro *O problema do ser e do destino* nos traz no capítulo 16 – Vidas sucessivas - Objeções e críticas:

“À saída de cada vida terrestre a alma colhe o fruto das experiências adquiridas; aplica as suas forças e faculdades ao exame da vida íntima e subjetiva; procede ao inventário da sua obra terrestre, assimila as partes úteis e rejeita o elemento estéril. É a primeira ocupação na outra vida, o trabalho por excelência de recapitulação e análise. O recolhimento entre os períodos de atividade terrestre é necessário e todo ser que segue a vida normal dele recebe, a seu turno, os benefícios. Dizemos recolhimento porque, na realidade, o Espírito, no estado livre, ignora o descanso; a atividade é sua própria natureza. Essa atividade não é visível no sono? Só os órgãos materiais de transmissão sentem fadiga e pouco a pouco periclitam. Na vida do espaço são desconhecidos esses obstáculos; o Espírito pode consagrar-se, sem incômodo e sem coação, até à hora da Reencarnação, às missões que lhe cabem.”





O Livro dos Espíritos:

255. Quando um espírito diz que sofre, experimenta que tipo de sofrimento?

“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.”

Esses casos de sofrimento pós-morte são muito bem abordados em livros como *Nosso Lar*, que retrata e *Memórias de um Suicida*, em que as consequências da vida terrena reverberam em dor moral, muito maiores que as físicas. O **Anexo 4** também irá abordar esta situação.



O Livro dos Espíritos:

256. Como, então, há espíritos que se têm queixado de sofrer frio ou calor?

“Lembrança do que haviam padecido durante a vida, algumas vezes tão penosa quanto a realidade; é, frequentemente, uma comparação através da qual, por falta de outra melhor, exprimem a situação deles. Quando se lembram de seu corpo, experimentam uma espécie de impressão, tal como quando se tira um casaco e se acredita ainda usá-lo, algum tempo depois.”



Para contribuir no entendimento desta questão, a *Revista Espírita* de 1858 disserta sobre a Sensação dos Espíritos:

“- R. Tua alma sente o frio?

- Não; mas tem a consciência da sensação que atua sobre o corpo. - Disso pareceria resultar que esse Espírito de avaro não sente um frio efetivo; mas que ele teria a lembrança da sensação do frio que suportou, e que essa lembrança, sendo para ele como uma realidade, tornava-se um suplício.



- R. É quase isso. Está bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.”



Logo, mesmo sem um corpo físico, o Espírito pode experimentar sofrimento real, alimentado pela consciência e pelas lembranças.

A dor moral, refletida nas sensações, é um reflexo profundo das escolhas feitas na vida terrena.



Veja mais:

*Revista
Espírita de
1858*

dezembro
Sensação
dos
Espíritos

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim de mais uma maratona de estudos.

Como a vida, as ideias vão criando consistência em nosso entendimento para que a Lei de Deus vá brilhando cada vez mais em nossas consciências.

Passeamos pelos temas, buscando contextualizá-los no dia a dia de nossas vidas.

Esperamos, como dissemos na introdução, que nos sintamos instigados a valorizar e aproveitarmos o sentido da Reencarnação generosamente concedida a cada um de nós.

Assim, são os Encontros: oportunidade de conquistarmos instrumentos valiosos que fazem com que olhemos detalhes fundamentais para nossa reforma íntima, base fundamental na Lei do Progresso, que haverá de se realizar em nós de forma cada vez mais consciente.

Até o próximo Encontro, irmãos!
Muita paz!

Anexo 1

(Bloco de Estudos 1)

A PAIXÃO DE JESUS

Espírito de Verdade, capítulo XIX, item 7.

O Espiritismo não nos abre o caminho da deserção do mundo. Se é justo evitar os abusos do século, não podemos chegar ao exagero de querer viver fora dele. Usufruamos a vida que Deus nos dá, respirando o ar das demais criaturas, nossas irmãs. Para seguir a própria consciência, podemos dispensar a virtude intocável que forja a santidade ilusória. Não sejamos sombras vivas, nem transformemos nossos lares em túmulos enfeitados por filigranas de adoração. Nossa fé não é campo fechado à espontaneidade. Encarnados e desencarnados precisamos ser prudentes, mas isso não significa que devamos reprimir expansões sadias e não nos abracemos uns aos outros. A abstinência do mal não impõe restrições ao bem. Assim como a virtude jactanciosa é defeito quanto qualquer outro, a austeridade afetada é ilusão semelhante às demais. Não façamos da vida particular uma torre de marfim para encastelar os princípios superiores, ou estrado de exibição para entronizar o ponto de vista. A convicção espírita não é insensível ou impertinente.



A inflexibilidade, no dever, não exige frieza de coração. Fugamos ao proselitismo fanatizante, mas nem por isso cultivemos nos outros a aversão por nossa fé. Se o papel de vítima é sempre o melhor e o mais confortável, nem por isso, a título de representá-lo, podemos forçar a nossa existência, transformando em verdugos, à força, as criaturas que nos rodeiam. Não sejamos policiais do Evangelho, mas candidatemo-nos a servidores cristãos. Nem caridade vaidosa que agrave a aspereza do próximo, nem secura de coração que estiole a alegria de viver.

Quem transpira gelo, dentro em breve caminhará em atmosfera glacial.

A crença aferrolhada no orgulho desencadeia desastres tão grandes quanto aqueles criados pelo materialismo.

Não sejamos companhias entediadas. Um sorriso de bondade não compromete a ninguém. A fé espírita reside no justo meio-termo do bem e da virtude. Nem o silêncio perpétuo da meia-morte, que destrói a naturalidade, nem a fala medrosa da inibição a beirar o ridículo. Nem olhos baixos de santidade artificiosa, nem anseio inexperiente de se impor a todo preço. Nem cumplicidade no erro, na forma de vício, nem convivência com o mal, na forma de aparente elevação. Fé espírita é libertação espiritual. Não ensina a reserva calculada que anula a comunicabilidade, constringendo os outros, nem recomenda a rigidez de hábitos que esteriliza a vida simples. Nem tristeza sistemática, nem entusiasmo pueril. Abstenhamo-nos da falsa ideia religiosa, suscetível de repetir os

desvios de existências anteriores, nas quais vivemos em misticismo acabrunhante.

Desfaçamos os tabus da superioridade mentirosa, na certeza de que existe igualmente o orgulho de parecer humilde. O Espiritismo nos oferece a verdadeira confiança, raciocinada e renovadora; eis por que o espírita não está condenado a atividade inexpressiva ou vegetante. Caridade é dinamismo do amor. Evangelho é alegria. Não é sistema de restringir as ideias ou tolher as manifestações, é vacinação contra o convencionalismo absorvente. Busquemos o povo – a verdadeira paixão de Jesus –, convivendo com ele, sentindo-lhe as dores, e servindo-o sem intenções secundárias, conforme o “amai-vos uns aos outros” – a senda maior de nossa emancipação.

Ewerton Quadros



Anexo 2

(Bloco de Estudos 2)

MUNDOS INTERMEDIÁRIOS OU TRANSITÓRIOS

Revista Espírita, maio de 1859.



Vimos, numa das respostas dadas no artigo anterior que, ao que parece, haveria Mundos destinados aos Espíritos Errantes. A ideia desses Mundos não perpassava na mente de nenhum dos assistentes e ninguém nela teria pensado se não fora a espontânea revelação de Mozart, o que constitui uma nova prova de que as comunicações espíritas podem ser independentes de toda opinião preconcebida. Com o objetivo de aprofundar esta questão, nós a submetemos a um outro Espírito, fora da Sociedade e por intermédio de outro médium, que não tinha nenhum conhecimento do assunto.

"1. (A Santo Agostinho) — Existem mundos que servem de estações aos Espíritos Errantes, ou como pontos de repouso, conforme nos disseram?

— Existem, mas apresentam diferentes graus, isto é, ocupam posição intermediária entre os outros mundos, conforme a natureza dos Espíritos que os procuram e que aí gozam de maior ou menor bem-estar.

2. — Os Espíritos que habitam esses Mundos podem deixá-los à vontade?

— Sim. Os Espíritos que os habitam podem afastar-se para ir aonde precisem. Imaginai-os como aves de arribação pousando sobre uma ilha a fim de refazerem as suas forças para prosseguirem em busca do seu destino.

3. — Os Espíritos progridem enquanto estacionam nesses mundos intermediários?

— Certamente. Os que assim se reúnem fazem-no com o fito de instruir-se e poderem mais facilmente obter permissão para irem a melhores lugares e alcançar a posição dos eleitos.

4. — Esses mundos, por sua natureza especial, são perpetuamente reservados a Espíritos errantes?

— Não. Sua situação é transitória.

5. — São habitados simultaneamente por seres corpóreos?

— Não.

6. — Têm uma constituição semelhante à dos outros planetas?

— Sim, mas a superfície é estéril.

7. — Por que essa esterilidade?

— Aqueles que os habitam de nada precisam.

8. — Essa esterilidade é permanente e devida à sua natureza especial?

— Não. Eles são transitoriamente estéreis.

9. — Então esses mundos são desprovidos de belezas naturais?

— A Natureza se traduz pelas belezas da imensidade, não menos admiráveis que as que chamais belezas naturais.

10. — Há desses mundos em nosso sistema planetário?

— Não.

11. — Desde que se trata de um estado transitório, a Terra estará um dia nesse número?

— Ela já esteve.

12. — Em que época?

— Durante a sua formação.

NOTA: Mais uma vez esta comunicação confirma a grande verdade de que nada é inútil na Natureza. Todas as coisas têm um fim, um destino; nada é vazio, tudo é habitado; a vida está em toda parte.

Assim, durante a longa série de séculos decorridos antes do aparecimento do homem na face da Terra; durante esses lentos períodos de transição, atestados pelas camadas geológicas; antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, sobre essa massa informe; nesse árido caos onde os elementos se confundiam, não havia ausência de vida. Seres que não tinham as nossas necessidades, nem as nossas sensações físicas aqui se refugiavam. Quis Deus que, mesmo nesse estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, pois, ousaria dizer que entre esses milhares de mundos que circulam na imensidade, um só e dos menores, perdido na multidão, teria o privilégio exclusivo de ser povoado? Qual seria, então, a utilidade dos outros? Deus tê-los-ia criado apenas para deleitar os nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que brilha em todas as suas obras. Ninguém contestará que há nesta ideia dos mundos ainda inadequados à vida material e no entanto povoados por seres vivos apropriados ao meio, algo de grandioso e de sublime, onde talvez se encontre a solução de muitos problemas."

Anexo 3

(Bloco de Estudos 3)

PENSAMENTO E MEDIUNIDADE

Nos Domínio da Mediunidade, Francisco Cândido Xavier.

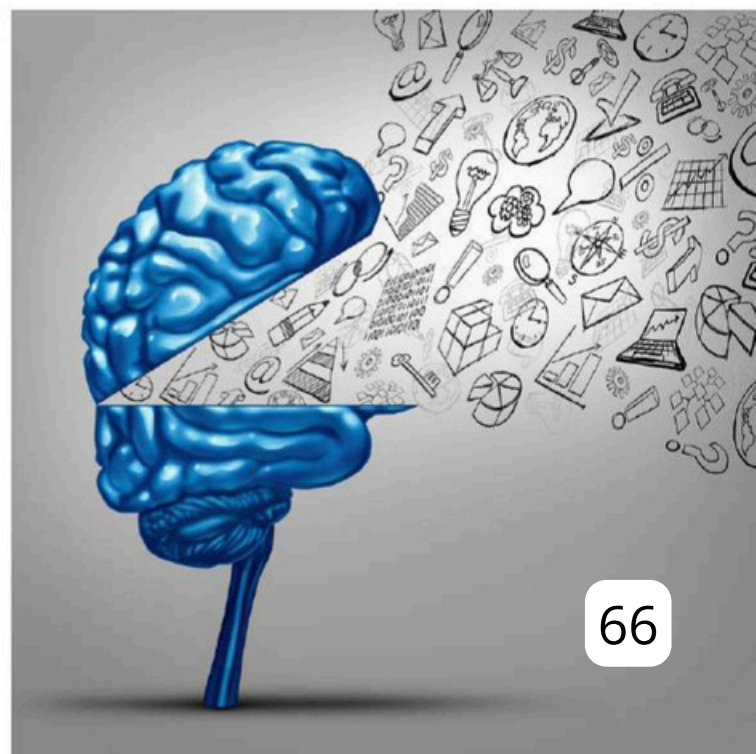
O silêncio se fez profundo e respeitoso. O grupo esperava a mensagem terminal. Senti que o ambiente se fizera mais leve, mais agradável. Sobre a cabeça de Dona Celina apareceu brilhante feixe de luz. Desde esse instante, vimo-la extática, completamente desligada do corpo físico, cercada de azulíneas irradiações. Admirado com o belo fenômeno, enderecei um gesto de interrogação ao nosso orientador, que explicou sem detença: – Nossa irmã Celina transmitirá a palavra de um benfeitor que, apesar de ausente daqui, sob o ponto de vista espacial, entrará em comunhão conosco através dos fluidos teledinâmicos que o ligam à mente da médium.

– Mas Isso é possível? – indagou Hilário, discretamente. Áulus ponderou, de imediato: – Lembre-se da radiofonia e da televisão, hoje realizações amplamente conhecidas no mundo.



Um homem, de cidade a cidade, pode ouvir a mensagem de um companheiro e vê-lo ao mesmo tempo, desde que ambos estejam em perfeita sintonia, através do mesmo comprimento de onda. Celina conhece a sublimidade das forças que a envolvem e entrega-se, confiante, assimilando a corrente mental que a solicita. Irradiará o comunicado, automaticamente, qual acontece na psicofonia sonambúlica, porque o amigo espiritual lhe encontra as células cerebrais e as energias nervosas quais teclas bem ajustadas de um piano harmonioso e dócil. O Assistente emudeceu, de súbito, fixando o olhar no jacto de safirina luz, que se fizera mais abundante, a espalhar-se em todos os ângulos do recinto. Contemplei os circunstantes. O rosto da médium refletia uma ventura misteriosa e ignorada na Terra. O júbilo que a possuía como que contagiara todos os presentes. Dispunha-me a prosseguir observando, mas a destra do Assistente tocou-me, de leve, recordando-me a quietude e o respeito.

Foi então que a voz diferenciada de Dona Celina ressoou, clara e comovente, mais ou menos nestes termos: - Meus amigos - começou a dizer o instrutor que nos acompanhava o trabalho a longa distância -, guardemos a paz que Jesus nos legou, a fixa de que possamos servi-lo em paz. Em matéria de mediunidade, não nos esqueçamos do pensamento. Nossa alma vive onde se lhe situa o coração. Caminharemos, ao influxo de nossas próprias criações, seja onde for. A gravitação no campo mental é tão incisiva, quanto na esfera da experiência física. Servindo ao progresso geral, move-se a alma na glória do bem. Emparedando-se no egoísmo, arrasta-se, em desequilíbrio, sob as trevas do mal. A Lei Divina é o Bem de Todos. (...)



Anexo 4

(Bloco de Estudos 3)



SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Revista Espírita, dezembro de 1858.

Os Espíritos sofrem? Que sensações experimentam? Tais são as perguntas que se dirigem naturalmente e que tentaremos resolver. Devemos dizer, primeiramente, que para isso não nos contentamos com as respostas dos Espíritos; devemos, por numerosas observações, de alguma sorte, tomar a sensação sobre o fato.

Em uma de nossas reuniões, e pouco antes que São Luís nos desse a bela dissertação sobre a avareza, que inserimos em nosso número do mês de fevereiro, um de nossos sócios contou o fato seguinte, a propósito dessa mesma dissertação.

"Estávamos, disse ele, ocupados com evocações em uma pequena reunião de amigos, quando se apresentou, inopinadamente e sem que o tivéssemos chamado, o Espírito de um homem que havíamos conhecido muito, e que, quando vivo servira de modelo ao retrato do avaro traçado por São Luís; um desses homens que vive miseravelmente no meio da fortuna, que se privam, não pelos outros, mas para amontoar sem proveito para ninguém. Era inverno, estávamos perto do fogo; de repente, esse Espírito nos lembrou seu nome, com o qual não sonhávamos de modo algum, e nos pediu a permissão de vir, durante três dias, aquecer-se na nossa lareira, dizendo que sofre horivelmente do frio que ele, voluntariamente suportou durante sua vida, e que fez os outros suportarem por sua avareza. Será, acrescentou ele, um abrandamento que obtive, se consentis em mo concedê-lo."

Esse Espírito sentia uma sensação penosa de frio; mas como o sentia? Aí estava a dificuldade. Dirigimos a São Luís as perguntas seguintes a esse respeito:

Consentiríeis em nos dizer como esse Espírito de avaro, que não tem mais corpo material, podia sentir o frio e pedir para se aquecer?

-R. Podes imaginar os sofrimentos do Espírito pelos sofrimentos morais.

- Concebemos os sofrimentos morais, como os desgostos, os remorsos, a vergonha; mas o calor e o frio, a dor física, não são efeitos morais; os Espíritos sentem essas espécies de sensações?

- R. Tua alma sente o frio? Não; mas tem a consciência da sensação que atua sobre o corpo.

- Disso pareceria resultar que esse Espírito de avaro não sente um frio efetivo; mas que ele teria a lembrança da sensação do frio que suportou, e que essa lembrança, sendo para ele como uma realidade, tornava-se um suplício.

- R. É quase isso. Está bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.

- Se compreendemos bem, poder-se-ia, isso nos parece, explicar a coisa assim como segue:

O corpo é o instrumento da dor; senão a causa primeira, ao menos a causa imediata. A alma tem percepção dessa dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser tão penosa quanto a realidade, mas não pode ter ação física.



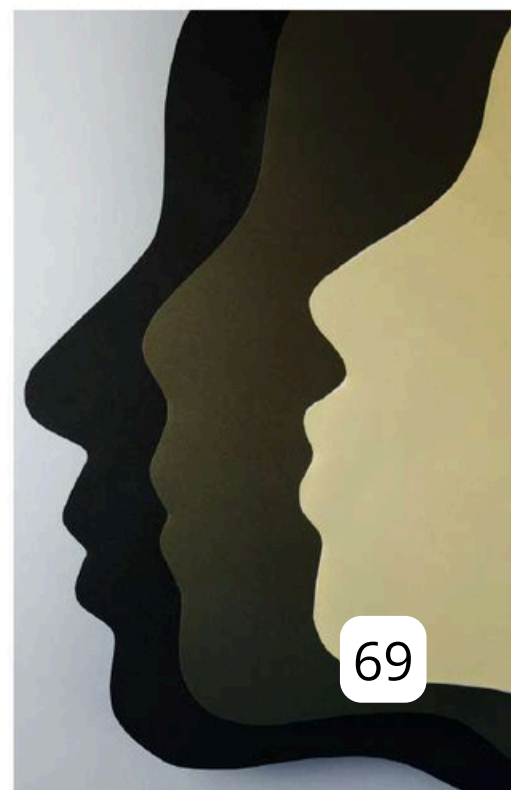
Com efeito, nem um frio nem um calor intensos, podem desorganizar os tecidos: a alma não pode nem gelar nem queimar. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou apreensão de um mal físico produzir o efeito da realidade? Ocasionar mesmo a morte? Todo o mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede, nem mesmo o ponto de partida da dor. O cérebro dela conservou a impressão, eis tudo. Pode-se, pois, acreditar que há alguma coisa análoga no sofrimento do Espírito depois da morte. Essas reflexões são justas?

Isso se passou no começo do ano 1858; desde então, com efeito, um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, e do qual não se havia percebido, as aparições vaporosas ou tangíveis, o estado do Espírito no momento da morte,

a ideia tão frequente no Espírito que ainda está vivo, o quadro tão impressionante dos suicidas, dos supliciados, das pessoas absorvidas nos gozos materiais, e tantos outros fatos, vieram lançar luz sobre essa questão, e deram lugar às explicações das quais damos aqui o resumo.

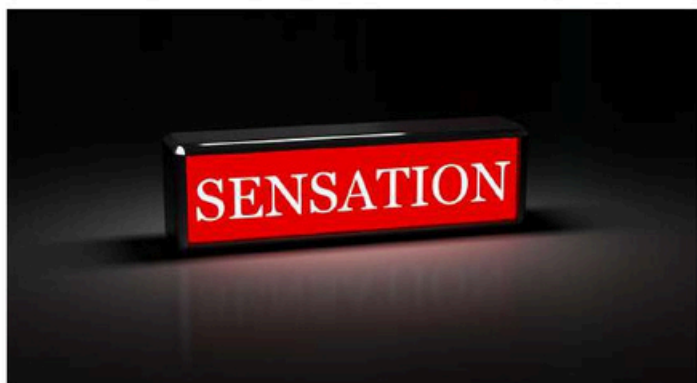
O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo: ele é haurido no meio ambiente, no fluido universal; tem, ao mesmo tempo, algo da eletricidade, do fluido magnético e, até a um certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria: é o princípio da vida orgânica, mas não o é da vida intelectual: a vida intelectual está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações estão localizadas pelos órgãos que lhes servem de canal. Destruído o corpo, as sensações são gerais. Eis porque o Espírito não diz que sofre antes da cabeça que dos pés. De resto, é preciso guardar-se de confundir as sensações do perispírito, tornado independente, com as do corpo: não podemos tomar essas últimas senão como termo de comparação, e não como analogia. Um excesso de calor ou de frio pode desorganizar os tecidos do corpo e não pode resultar nenhum prejuízo ao perispírito.

Desligado do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o do corpo: entretanto, esse sofrimento não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, uma vez que se queixa do frio e do calor; não sofre mais no inverno que no verão: vimo-los passar através de chamas sem nada sentirem de penoso; a temperatura, portanto, não causa sobre eles nenhuma impressão. A dor que sentem, portanto, não é uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, do qual o próprio Espírito não se apercebe perfeitamente, precisamente porque a dor não é localizada e porque não é produzida por agentes exteriores: é antes uma lembrança que uma realidade, mas uma lembrança também muito penosa. Há, entretanto, algumas vezes, mais que uma lembrança, como vamos ver.



A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se desliga mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros instantes, o Espírito não se dá conta da sua situação; não crê estar morto; sente-se viver; vê seu corpo de um lado, sabe que é o seu, e não compreende que esteja dele separado: esse estado dura tão longo tempo quanto exista um laço entre o corpo e o perispírito. Que se reporte à evocação do suicida dos banhos da Samaritana, que narramos no nosso número de junho. Como todos os outros, ele dizia: Não, não estou morto, e acrescentava: E, entretanto, sinto os vermes que me roem. Ora, seguramente os vermes não roíam o perispírito, e ainda menos o Espírito, não roíam senão o corpo. Mas como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, disso resultava uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão talvez não seja a palavra, poderia fazer crer em um efeito muito material; era antes a visão do que se passava em seu corpo, ao qual se ligava seu perispírito, que produzia nele uma ilusão, que tomava por uma realidade. Assim, não era uma lembrança, uma vez que, durante a vida, não havia sido roído pelos vermes: era o sentimento da atualidade.

Vê-se por aí as deduções que se podem tirar dos fatos, quando são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito, por intermédio do perispírito que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Estando o corpo morto não sente mais nada, porque não há mais nele nem Espírito nem perispírito. O perispírito, desligado do corpo, sente a sensação; mas como esta não lhe chega mais por um canal limitado, ela é geral. Ora, como, em realidade, não é senão um agente de transmissão, uma vez que é o Espírito quem tem a consciência, disso resulta que se pudesse existir um perispírito sem Espírito, não sentiria mais do que o corpo quando está morto; do mesmo modo que se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda sensação penosa; é o que ocorre para os Espíritos completamente depurados. Sabemos que quanto mais se depuram, mais a essência do perispírito se torna etérea; de onde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, quer dizer, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.



Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, como as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Sim, sem dúvida, para aquelas que provêm- unicamente da influência da matéria que conhecemos; o som de nossos instrumentos, o perfume de nossas flores não lhe causam nenhuma impressão, e, todavia, há neles sensações íntimas de um encanto indefinível, das quais não podemos fazer nenhuma ideia, porque somos, a esse respeito, como cegos de nascença a respeito da luz; sabemos que isso existe; mas por qual meio? Aí se detém para nós a ciência. Sabemos que há percepção, sensação, audição, visão, que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, por qual intermediário? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não podem disso nos darem conta, porque nossa língua não foi feita para exprimir ideias que não temos,

não mais que numa população de cegos não existiriam termos para exprimirem os efeitos da luz; não mais que na língua dos selvagens, não há termos para exprimir nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar de Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não tem analogia neste mundo. Não ocorre o mesmo com aqueles cujo perispírito é mais denso: e estes percebem nossos sons e nossos odores, mas não por uma parte limitada de seu ser, como quando vivo. Poder-se-ia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser e chegam assim ao seu sensorium comune, que é o próprio Espírito, embora de modo diferente, e talvez também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles ouvem o som de nossa voz, e todavia nos compreendem sem o socorro da palavra, unicamente pela transmissão do pensamento, e o que vem em apoio ao que dizemos, é que essa penetração é tanto mais fácil quanto o Espírito esteja mais desmaterializado. Quanto à visão, ela é independente de nossa luz.

A faculdade de ver é um atributo essencial da alma: para ela não há obscuridade; entretanto, ela é mais extensa, mais penetrante, naqueles que estão mais depurados. A alma, ou o Espírito, portanto, tem em si mesma a faculdade de todas as percepções; na vida corpórea, elas estão obliteradas pela grosseria de nossos órgãos; na vida extracorpórea, elas o são menos e menos à medida que se torna menos compacto o envoltório semi-material.

Esse envoltório, haurido do meio ambiente, varia segundo a natureza dos mundos. Passando de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de vestuário, passando do inverno ao verão, ou do pólo ao equador. Os Espíritos mais elevados, quando vêm nos visitar, revestem, pois, o perispírito terrestre, e desde então suas percepções se operam como nos Espíritos vulgares;

mas tanto inferiores, como superiores, não ouvem e não sentem senão o que querem ouvir ou sentir. Sem terem órgãos sensitivos podem tomar-se, à vontade, suas percepções ativas ou nulas; não há senão uma coisa que são obrigados a ouvir, são os conselhos dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas podem, reciprocamente, se tornarem invisíveis uns aos outros. Segundo a classe que ocupem, eles podem se ocultar daqueles que lhes são inferiores, mas não daqueles que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que seguem à morte, a visão do Espírito é sempre perturbada e confusa; clareia à medida que ele se desliga, e pode adquirir a mesma claridade que durante a vida, independentemente de sua penetração através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinido, no passado e no futuro, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Toda essa teoria, dir-se-á, não é muito tranquilizadora. Pensávamos que uma vez desembaraçado de nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não sofreríamos mais, e eis que nos ensinais que sofreremos ainda; que, seja de uma maneira ou de outra, isso não é menos sofrer.



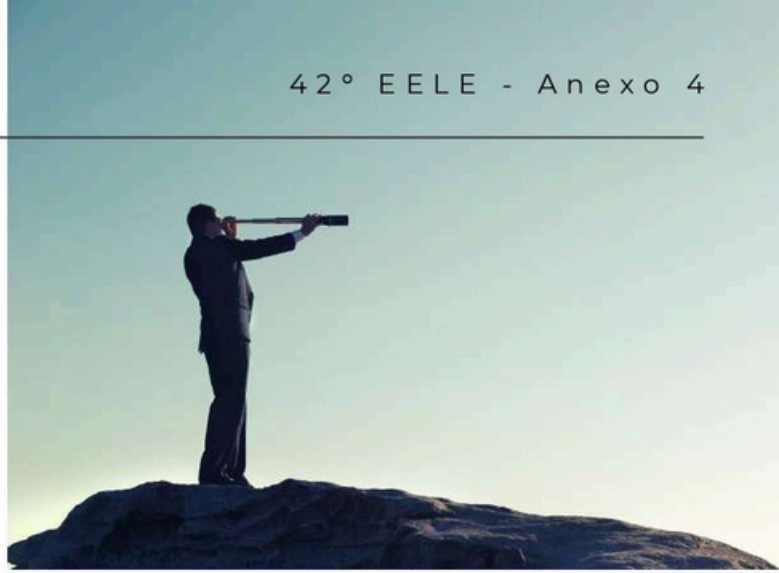
Os sofrimentos deste mundo são, algumas vezes, independentes de nós, mas muitos são as consequências de nossa vontade. Que se remonte à fonte e ver-se-á que o maior número é a consequência de causas que poderíamos evitar. Quantos males, quantas enfermidades, o homem deve aos excessos, à sua ambição, às suas paixões, em uma palavra! O homem que houvesse sempre vivido sobriamente, que não houvesse abusado de nada, que houvesse sempre sido simples em seus gostos, modesto em seus desejos, se pouparia de muitas tributações. Ocorre o mesmo com o Espírito: os sofrimentos que suporta são sempre a consequência da maneira com a qual viveu na Terra; não terá mais, sem dúvida, a gota e os reumatismos, mas terá outros sofrimentos que não valem mais. Vimos que esses sofrimentos são o resultado de laços que ainda existem entre ele e a matéria; que quanto mais desligado da matéria, dito de outro modo, quanto mais desmaterializado, menos tem sensações penosas; ora, dele depende se livrar dessa influência, desde esta vida; tem o seu livre arbítrio e, por consequência, a escolha entre fazer ou não fazer: que dome suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho;

que não seja dominado pelo egoísmo, que purifique sua alma pelos bons sentimentos, que faça o bem, que dê às coisas deste mundo a importância que elas merecem, então, mesmo sob seu envoltório corporal, está já depurado, e já desligado da matéria, e quando deixa esse envoltório, dele não sofre mais a influência; os sofrimentos físicos que experimenta não lhe deixam nenhuma lembrança penosa; dele não lhe resta nenhuma impressão desagradável, porque não afetaram senão o corpo e não o Espírito; é feliz de estar livre dele, e a calma de sua consciência o livra de todo sofrimento moral. Disso interrogamos milhares, tendo pertencido a todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos de sua vida espírita, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operaram neles, em suas ideias, em suas sensações, e sob esse aspecto os homens mais vulgares não foram os que nos forneceram os objetos de estudo menos preciosos. Ora, vimos sempre que os sofrimentos estão em relação com a conduta, da qual sofrem as consequências, e que essa nova.

existência é a fonte de uma felicidade inefável para aqueles que seguiram o bom caminho; donde se segue que aqueles que sofrem, é porque o quiseram, e não devem disso culpar senão a si mesmos, tão bem no outro mundo quanto neste.

Alguns críticos ridicularizaram certas de nossas evocações, a do assassino Lemaire, por exemplo, achando singular que se ocupasse com seres tão ignóbeis, quando existem tantos Espíritos superiores à sua disposição. Esquecem que é por aí que, de algum modo, aprendemos a natureza do fato, ou, para melhor dizer, na sua ignorância da ciência espírita, não veem, nessas entrevistas, senão uma conversa, mais ou menos divertida, da qual não compreendem a importância. Lemos em alguma parte que um filósofo dizia, depois de conversar com um camponês: Eu mais aprendi com esse rústico que com todos os sábios; é que ele sabia ver outra coisa senão a superfície. Para o observador nada é perdido, encontra úteis ensinamentos até no criptógamo que cresce sobre o estrume. O médico recusa tocar uma chaga horrenda, quando se trata de aprofundar a causa de um mal?

Acrescentamos ainda uma palavra a esse respeito. Os sofrimentos de além-túmulo têm um fim;



sabemos que é dado ao Espírito mais inferior elevar-se e purificar-se por novas provas; isso pode ser longo, muito longo, mas depende dele abreviar esse tempo penoso, porque Deus o escuta sempre se ele se submete à sua vontade. Quanto mais o Espírito está desmaterializado, mais suas percepções são vastas e lúcidas; quanto mais está sob o império da matéria, o que depende inteiramente de seu gênero de vida terrestre, mais elas são limitadas e como veladas; tanto a visão moral de um se estende ao infinito, tanto a do outro é restrita. Os Espíritos Inferiores não têm, pois, senão uma noção vaga, confusa, incompleta e frequentemente nula do futuro; não veem o fim de seus sofrimentos, por isso crêem sofrer sempre, e ainda para eles é um castigo. Se a posição de uns é aflitiva, terrível mesmo, não é desesperadora; a de outros eminentemente consoladora; está pois em nós escolher. Isto é da mais alta moralidade.

Os céticos duvidam da sorte que nos espera depois da morte, nós lhes mostramos o que isso é, e com isso cremos prestar-lhes serviço; também vimos mais de um corrigir-se de seu erro, ou pelo menos pôr-se a refletir sobre o que criticavam antes.

Não há de tal senão de se aperceber da possibilidade das coisas. Se fora sempre assim, não haveria tantos incrédulos, e a religião e a moral pública ganhariam com isso. A dúvida religiosa não vem entre muitos, senão da dificuldade, para eles, de compreenderem certas coisas; são Espíritos positivos não organizados para a fé cega, que não admitem senão o que, para eles, tem uma razão de ser.

Tornai essas coisas acessíveis à sua inteligência, e as aceitam, porque no fundo não pedem melhor do que crerem, sendo a dúvida para eles uma situação mais penosa que se crê ou que querem dizê-lo.

Em tudo o que precede não há nada de sistemas, nada de ideias pessoais; não foram mesmo alguns Espíritos privilegiados que nos ditaram essa teoria, é um resultado de estudos feitos sobre as individualidades, corroborados e confirmados por Espíritos dos quais a linguagem não pode deixar dúvida sobre sua superioridade. Nós o julgamos por suas palavras, e não sobre o nome que trazem ou que podem se dar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIVO PAMPHIRO. **Palavras do Coração**. CELD.

ALLAN KARDEC. **A Gênese**. CELD.

ALLAN KARDEC. **O Céu e o Inferno**. CELD.

ALLAN KARDEC. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. CELD.

ALLAN KARDEC. **O Livro dos Espíritos**. CELD.

AUTORES DIVERSOS. **O Espírito da Verdade**. FEB.

LÉON DENIS. **Depois da Morte**. CELD.

L. PALHANO JR. **Dicionário de Filosofia Espírita**. CELD.

REVISTA ESPÍRITA DE 1858. EDICEL.

REVISTA ESPÍRITA DE 1859. EDICEL.

REVISTA ESPÍRITA DE 1864. EDICEL.

42º Encontro Espírita sobre *O Livro dos Espíritos*

Tema:

VIDA QUE SEGUE

Tema central: Vida Espírita

Em todo o Universo, há vida espiritual que está subordinada às leis imutáveis de Deus.

Nos mundos considerados superiores, a vida é etérea, os pensamentos fluem de um lado ao outro da criação (material e espiritual), como se pode observar nas propriedades da luz que se divide em espectros diferentes ao contato de um prisma, diferenciando-se nos graus de pureza espiritual que transcende a imaginação humana atual.

Nos mundos inferiores, entretanto, a vida espiritual é muito mais heterogênea e varia segundo o grau de evolução moral e intelectual dos Espíritos, e, com isso, promovendo diferenças nas suas percepções e sensações. Sendo assim, os Espíritos que vivem submersos e dependentes do peso da matéria que compõem estes mundos possuem maiores restrições, mas vão se distanciando cada vez mais da densidade material, mediante as conquistas morais evidenciadas e obtidas ao longo do tempo.

A lei de divina, que determina a sequência evolutiva do Espírito neste mundo, possibilita que, através das encarnações sucessivas, o Espírito gradativamente evolua espiritual e moralmente, se libertando das entranhas magnéticas que o prendem à vida material, alçando voo para as esferas mais elevadas.

Nesta sequência evolutiva rumo à perfeição, o Espírito se submete às mais variadas experiências nos dois mundos aos quais pertence, para adquirir, dentre outras coisas, a sua identidade espiritual, o reconhecimento da vida espiritual e da existência de Deus.

Sem dúvida a finalidade maior é, em essência, a aquisição do Amor pleno e sublime existente nos mundos superiores. Mas, enquanto Espíritos nesta jornada de muitas existências, onde as lutas íntimas e as dores do crescimento estão presentes, precisamos aprender, pelo menos, a agradecer ao nosso Criador, bem como ao nosso Mestre Jesus, que conduzem os nossos destinos, antecipando as nossas reações inconsistentes e decisões incoerentes, nos salvaguardando de inúmeras outras provas diante da nossa infantilidade espiritual.

Que esta singela introdução sirva de estímulo ao início deste dia.

Que Deus e Jesus abençoem os dias de estudos em nossa Casa.

Alberto

(Mensagem psicografada pelo médium Luis Carlos Dallarosa, em 24/01/2026, no CELD-RJ.)